

Elogios à obra:

“Esta obra passou a ser considerada um verdadeiro clássico no mundo da Bruxaria e da Wicca. Eu uso esses dois termos porque Ray Buckland trata tanto da Arte quanto da religião com a mesma perspicácia e a mesma erudição. Esta obra é fruto de um curso muito bem-sucedido por correspondência e continua sendo um ótimo instrumento para um estudo autodidata, além de ser fonte de informação inestimável sobre a arte e a ciência da magia prática.”

– Carl Llewellyn Weschcke, editor

“O *Livro Completo de Bruxaria de Raymond Buckland* é provavelmente uma das apresentações mais claras e diretas dos conceitos que definem a Bruxaria. É impecável em muitos sentidos, desvelando todo o mistério dessa crença antiga, e é recomendado pelos praticantes de magia mais experientes, por fazer um apanhado magistral dos conceitos da Arte.”

– Hans Holzer, escritor/produtor

“Se quiser iniciar sua própria prática de magia, este livro lhe mostrará como fazer isso, além de apresentar todos os caminhos que você poderá seguir para progredir a partir desse ponto. Se já é um praticante experiente e está encarregado de treinar iniciantes, *O Livro Completo de Bruxaria de Raymond Buckland* o ajudará a recordar toda a teoria que já interiorizou a ponto de nem lhe ocorrer mencioná-la. Eu o recomendo com veemência.”

– Kindred Spirits, Austrália

“Este livro foi um dos meus primeiros manuais quando iniciei a prática da ‘Arte’. Detalhado sem nunca ser entediante, didático mas sempre cativante, passei horas debruçada sobre ele nos meus primeiros dias como praticante e ainda recorro às suas páginas quando quero ‘refrescar’ a memória! Eu o recomendo a todos, pois trata-se de uma importantíssima introdução à Bruxaria moderna.”

– Fiona Horne, autora de *Witch: A Magickal Journey* e apresentadora de programas de rádio e TV

Título do original: *Buckland's Complete Book of Witchcraft*.

Copyright © 1986, 2002 Raymond Buckland.

Publicado originalmente por Llewellyn Publications, Woodbury, MN 55125-USA – www.llewellyn.com

Copyright da edição brasileira © 2019 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 2019.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revista.

A Editora Pensamento não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

O Rider-Waite Tarot Deck é uma marca registrada da U.S. Games Systems, Inc. Foto da tabuleta mesopotâmica, página 311, reproduzida com a permissão de Mansell Collection/Timepix. As fotografias do athame, página 95, e da bolina, página 333, são cortesia do Monte Plaisance, proprietário do Museu Buckland de Bruxaria, em Nova Orleans, Louisiana (EUA). Todas as fotografias são cortesia de Raymond Buckland.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoreção eletrônica: Join Bureau

Revisão: Luciana Soares da Silva

Produção de ebook: S2 books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Buckland, Raymond

Livro completo de bruxaria de Raymond Buckland: tradição, rituais, crenças, história e prática / tradução Denise de Carvalho Rocha. -- 1. ed. -- São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2019.

Título original: Buckland's complete book of witchcraft.

ISBN 978-85-315-2078-5

1. Bruxaria 2. Bruxaria – História 3. Esoterismo 4. Magia 5. Paganismo 6. Rituais I. Título.

19-27559

CDD-133.4309

Índices para catálogo sistemático:

1. Bruxaria: História: Ocultismo 133.4309
Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

1ª Edição digital 2019
eISBN: 978-85-315-2103-4

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 2066-9000

<http://www.editorapensamento.com.br>

E-mail: atendimento@editorapensamento.com.br

Foi feito o depósito legal.

Para Tara
e em memória de Scire e Olwen

Agradecimentos

Meus agradecimentos a

Ed Fitch, por sua assistência com a quiromancia,
“Mike” F. Shoemaker, pelo material referente aos sonhos e ao processo intuitivo,
Carl L. Weschcke, por seu contínuo estímulo,
Aidan Breac, por todos os detalhes referentes a Pecti-Wita.

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Agradecimentos

Prefácio à Segunda Edição

Introdução

Introdução à Edição de Aniversário de 25 Anos

Lição Um: A História e a Filosofia da Bruxaria

A Filosofia da Bruxaria

O Poder Interior

Feitiços e Encantamentos

Questões sobre a Lição Um

Questões Avaliatórias sobre a Lição Um

Lição Dois: As Crenças

As Divindades

Os Nomes das Divindades

O Deus e a Deusa da Bruxaria

A Reencarnação

O Karma

O Período entre as Vidas

O Seu Templo

O Seu Altar e os Objetos de Altar

Magia – Uma Introdução

Questões sobre a Lição Dois

Questões Avaliatórias sobre a Lição Dois

Lição Três: Instrumentos, Vestuário e Nomes

Os Instrumentos de Trabalho

O Punhal

Como Marcar o Metal

A Espada

Outros Instrumentos

As Vestimentas

As Joias

O Capacete com Chifres

Inscrições

O Seu Nome de Bruxo

Questões sobre a Lição Três

Questões Avaliatórias sobre a Lição Três

Lição Quatro: O Início

Os Ritos de Passagem

Os Círculos

A Autodedicção

A Iniciação num Coven

Método de Amarração para a Iniciação

Questões sobre a Lição Quatro

Questões Avaliatórias sobre a Lição Quatro

Lição Cinco: Os Covens e os Rituais

Os Covens e os Graus

Hierarquia e Sacerdócio

O Amor do Sacerdote e da Sacerdotisa

Convensteads e Covendoms

O Livro dos Rituais

A Consagração dos Instrumentos

O Ritual de Consagração

Como Entrar e Sair do Círculo

Ritual de Edificação do Templo

Ritual de Purificação do Templo

Os Esbás e os Sabás

Ritual de Esbá

Ritual da Lua Cheia

Ritual da Lua Nova ou Negra

Cerimônia dos Bolos e da Cerveja

Questões sobre a Lição Cinco

Questões Avaliatórias sobre a Lição Cinco

Lição Seis: Os Sabás

Samhain – Sabá Maior

Imbolc – Sabá Maior

Beltane – Sabá Maior

Lughnasadh – Sabá Maior

Questões sobre a Lição Seis

Questões Avaliatórias sobre a Lição Seis

Lição Sete: A Meditação, os Sonhos e os Sabás Menores

A Meditação

Como a Meditação Funciona

A Técnica

A Postura

O Local da Meditação

A Hora do Dia

A Persistência

O Método

Como Encerrar a Meditação

Os Sonhos

A Fonte

A Interpretação e a Simbologia dos Sonhos

A Interpretação dos Sonhos

Símbolos Universais

A Recordação dos Sonhos

Os Símbolos Pessoais

O Sonho Repetitivo

Os Sonhos em Grupo

Os Sonhos Versus as Experiências Fora do Corpo

Rituais (Continuação)

Sabá do Equinócio da Primavera

Sabá do Solstício de Verão

Sabá do Equinócio de Outono

Sabá do Solstício de Inverno

Questões sobre a Lição Sete

Questões Avaliatórias sobre a Lição Sete

Lição Oito: Casamento, Nascimento, Morte e Canalização

Ritual de Casamento (Handfasting)

Ritual de Handfasting

Ritual de Separação (Handparting)

Ritual de Nascimento (Wiccaning)

A Travessia da Ponte (na Morte)

O Processo Intuitivo

As Categorias de Canalização

Como se Preparar para a Canalização

Ouvir

Os Pontos Focais Externos

Como Usar a Psicometria

Como Interpretar as Informações Canalizadas

Privação Sensorial

A Gaiola das Bruxas

Questões sobre a Lição Oito

Questões Avaliatórias sobre a Lição Oito

Lição Nove: Adivinhação

O Tarô

A Interpretação

A Escritação

Os Bastões Saxônicos

A Quiromancia

As Primeiras Observações

A Linha da Vida

A Linha da Cabeça e a Linha do Coração

A Linha da Cabeça

A Linha do Coração

A Linha do Destino

As Linhas do Casamento

As Linhas dos Punhos

O Monte de Vênus

O Monte da Lua

Os Dedos

A Leitura da Sorte pelas Folhas de Chá

Interpretação da Leitura pelas Folhas de Chá

Numerologia

O Número do Nome

Cores Primárias

Cores Secundárias

Astrologia

A Interpretação

Os Planetas

Escritação pelo Fogo

Questões sobre a Lição Nove

Questões Avaliatórias sobre a Lição Nove

Lição Dez: Herbalismo

A Tradição Herbórea

Ervas Conhecidas por seus Efeitos Nocivos
Como Tirar o Máximo Proveito das Ervas
Chás, Xaropes, Pomadas, Cataplasmas e Pós
Ervas Medicinais

Descrição das Ações Medicinais

As Ervas e suas Propriedades Medicinais

Alterativas

Antelmínticas ou vermífugas

Adstringentes

Tônicas Amargas

Calmantes

Carminativas e Aromáticas

Catárticas

Demulcentes

Diuréticas

Emolientes

Expectorantes

Nervinas

Estimulantes dos Nervos

Refrigerativas

Sedativas

Estimulantes

Vulnerárias

As Vitaminas nas Ervas

A Arte de Prescrever Medicamentos

A Farmacologia dos Bruxos

Questões sobre a Lição Dez

Questões Avaliatórias sobre a Lição Dez

Lição Onze: A Magia

O Corpo Físico

O Círculo

A Entrada e a Saída

O Cone de Poder

A Dança e os Cânticos

O Sentir

Como Atrair o Poder

A Liberação do Poder

A Escolha do Momento Certo

A Magia com Cordas

A Magia com Velas

Simbolismo das Cores na Magia

A Magia de Amor

A Magia Sexual

Encantamento de Amarração

Proteção

A Forma do Ritual

Lembrete Importante

Questões da Lição Onze

Questões avaliatórias sobre a Lição Onze

Lição Doze: O Poder da Palavra Escrita

As Runas

Ogam Bethluisnion

Os Hieróglifos Egípcios

O Alfabeto Tebano

Atravessando o Rio

O Alfabeto Angélico

O Alfabeto Malachim

O Alfabeto Picto

Os Talismãs e Amuletos

Os Amuletos

As Canções, as Danças e os Jogos para os Sabás

A Dança para Gerar Poder

A Dança em Geral

A Música e as Canções

Os Jogos para os Sabás

Jogos ao Ar Livre

Vinho, Cerveja e Pães Caseiros

Pães e Bolos

Lembrete Importante

Questões sobre a Lição Doze

Questões Avaliatórias sobre a Lição Doze

Lição Treze: A Cura

A Aura

A Cura Áurica

A Cura Prânica

A Cura a Distância

A Cura com Cores

Como Direcionar a Cor

Água Energizada com Cores

Cura a Distância com Cores

Terapia com Cristais

Atributos dos Cristais

Magia com Bonecos

Receita de Óleo de Unção

A Meditação e o Biofeedback

Os Animais e as Plantas

O Pensamento Positivo

Questões sobre a Lição Treze

Questões Avaliatórias sobre a Lição Treze

Lição Quatorze: Preparativos

Os Rituais

A Criação do Ritual

Os Vigias das Torres

A Fonte

A Formação de um Coven

O seu Coven

Como Fundar uma Igreja

As Saudações Utilizadas na Arte

Os Acessórios de Vestuário

O manto

Jovens Wiccanos

Falando Abertamente

Questões sobre a Lição Quatorze

Questões avaliatórias sobre a Lição Quatorze

Lição Quinze: Os Bruxos Solitários

Ritual da Edificação do Templo

Ritual de Esbá

Cerimônia dos Bolos e da Cerveja

Ritual da Purificação do Templo

Ritual da Edificação do Templo (versão alternativa)

E Agora?...

Apêndice A: As Tradições Wiccanas

A Wicca Alexandrina

A Wicca Celta Americana

A Wicca Australiana

A Igreja de Y Tywyth Teg

Church of the Crescent Moon

Circle Wicca

Coven of the Forest, Far and Forever

A Wicca Deboriana

Dianic Feminist Wicce

A Wicca de Yvonne Frost

A Wicca Gardneriana

A Wicca Georgina

Maidenhill Wicca

Northern Way

Nova-Wicca

Pecti-Wita

Seax-Wica

Tradição Tessalônica

Apêndice B: Respostas das Questões Avaliatórias

Lição Um

Lição Nove

Lição Onze

Apêndice C: As Músicas e os Cânticos

Wiccan Handfasting

Lista de Leituras Recomendadas

Sobre o Autor

Prefácio à Segunda Edição

VOCÊ NÃO PRECISA TER nascido no Halloween para praticar Bruxaria. Não tem que ter uma estrela de cinco pontas desenhada na palma da mão. Não tem que ser o sétimo filho do sétimo filho. Nem tem que usar túnicas estranhas, ficar nu, usar uma tonelada de joias ou pintar as unhas de preto. Os Bruxos são pessoas comuns que descobriram a religião que mais faz sentido para si mesmos. Eles reverenciam os deuses antigos – o Deus da Vida e da Morte; a Deusa da Natureza e da Fertilidade –, celebrando as estações e praticando as artes antigas da cura, da magia e da divinação.

A Bruxaria, ou Wicca, é uma religião antiga, anterior ao Cristianismo. Seus praticantes não são contra o que disse Jesus Cristo, simplesmente não se autointitulam cristãos. Durante séculos, foi muito difícil para eles sobreviver na clandestinidade, devido à perseguição que sofriam da Igreja. Depois de tantas gerações reprimidas, a Arte quase sucumbiu. No entanto, ela conseguiu subsistir em regiões isoladas, até chegar ao século XX. Em meados desse século, as últimas leis contra a Bruxaria foram finalmente revogadas e os Bruxos que ainda resistiam puderam revelar suas práticas. Poucos, no entanto, sobreviveram para aproveitar essa chance.

O dr. Gerald Brousseau Gardner foi um deles. Ele descobriu a Antiga Religião quando já tinha uma certa idade e ficou encantado ao descobrir que a) ela ainda estava viva e b) não se tratava da prática maléfica e demoníaca que sempre se julgara, e sim algo que ele queria seguir e divulgar ao mundo. Mas foi só vários anos depois de se tornar Bruxo que ele publicou suas descobertas.

Gardner foi praticamente o responsável pelo interesse renovado pela Antiga Religião e, certamente, por torná-la uma alternativa viável às religiões organizadas. Alegro-me dizer que eu mesmo fui responsável por uma pequena parcela desse ressurgimento da Wicca, quando levei os ensinamentos de Gardner para os Estados Unidos. Hoje, a Antiga Religião é praticada no mundo todo.

A Wicca não tem uma estrutura rígida e bem definida, nem uma autoridade central, mas sim uma ampla variedade de denominações ou “tradições”. A maioria das tradições tem raízes no que Gardner apresentou na década de 1950. A forma dos rituais, os instrumentos apresentados, a celebração dos sabás; na maioria das tradições, tudo isso segue o que foi revelado por Gardner.

Da década de 1970 até o início dos anos 1980, uma grande variedade de livros foi publicada sobre a Wicca. Como sempre acontece, alguns eram bons e outros nem tanto. Alguns tinham um material factual de valor, que realmente podia ser útil para aqueles que praticavam a Antiga Arte. Outros eram uma mistura de sabedoria popular, magia e

superstição, que não contribuía em nada para esclarecer os assuntos relacionados à Wicca. Os praticantes começaram a sair do anonimato, mas não podiam ser “conjurados” sempre que alguém queria se encontrar com um deles. Isso era especialmente frustrante para aqueles que, depois de descobrir a verdade sobre a Wicca, queriam fazer parte do movimento.

Em meados dos anos 1980, publiquei pela primeira vez este livro. Senti que havia uma necessidade real por um “manual básico” e de qualidade; quero dizer, um material que qualquer indivíduo interessado na Arte pudesse usar, fosse ele um Bruxo Solitário ou membro de um coven. Meu objetivo era apresentar todos os fundamentos básicos, mas em profundidade suficiente para permitir a solidificação de um conhecimento duradouro. Como a maioria das tradições segue os preceitos gardnerianos, o mesmo acontece com este livro. O que apresento, porém, não são rituais gardnerianos, tampouco saxônicos ou celtas, nórdicos, galeses ou de qualquer outro tipo específico. Os rituais que descrevo são deliberadamente não sectários. Foram escritos exclusivamente para este livro, com o propósito de servir como diretriz e mostrar como realizar um ritual. Espero que os leitores/buscadores os utilizem para captar o espírito da Antiga Religião e depois os adaptem de acordo com seu próprio gosto, para que possam atender às suas próprias necessidades. Isso porque as necessidades espirituais são individuais... Esse é um campo em que não se devem fazer concessões. Quando se trata da divindade, o indivíduo precisa se sentir totalmente à vontade.

Desde que este livro foi publicado pela primeira vez, anos atrás, ele foi muito bem recebido e atingiu todas as minhas expectativas. Tornou-se, para muitos seguidores (agora para muitas gerações), uma verdadeira introdução à Wicca, tornando-se conhecido pelo afetuoso apelido de *Big Blue* por causa da capa de sua primeira edição e algumas posteriores. Portanto, por que não uma nova edição?

Ele não é novo no sentido de estar cheio de novidades e informações diferentes. Isso não seria justo com quem já comprou o livro e pôs em prática seus rituais. Ele simplesmente tem uma estrutura diferente e, penso eu, mais agradável. Há mais fotos e ilustrações, uma lista maior e mais atual de leituras recomendadas e uma organização ligeiramente diferente (as questões de avaliação, por exemplo, vêm logo após cada lição).

Uma das desvantagens de se incluir uma lista de contatos num livro como este é que os nomes e endereços costumam ficar desatualizados. Por essa razão, ao examinar uma variedade de tradições, eu preferi não mencionar nenhum nome em particular. No mundo de hoje, em que a internet reina absoluta, existe uma fonte inesgotável de informações sobre grupos wiccanos. Muitos covens, e até indivíduos, agora têm websites, que podem ser localizados por meio de ferramentas de busca. É preciso ter cautela, no entanto; só porque alguém tem um website e está oferecendo informações, isso não significa que seja um “especialista”. Na minha opinião, os livros publicados ainda são a melhor fonte de informações corretas e comprovadas sobre a Arte. Mas nem mesmo nos livros as informações estão livres de erros. Você ainda tem que ler muito e depois decidir o que serve para você. Nunca deixe que o convençam a fazer, ou aceitar, algo que pareça errado aos seus olhos. Hoje em dia, principalmente, existem muitas possibilidades de se conhecer grupos de praticantes, mas você não precisa aceitar nenhum deles sem um certo questionamento.

A Wicca se baseia no ensinamento do amor por todas as formas de vida. Tenha isso em mente; na verdade, faça disso um ideal. Eu sei, graças às opiniões que recebi ao longo de

todos esses anos, que este livro pode ajudar você a descobrir o seu caminho. Espero que o leia, estude-o e o aprecie muito.

Amor e luz
Raymond Buckland, Ohio 2002

Agradecimentos

Lamento não ter me lembrado de agradecer à editora Llewellyn por republicar este livro. Uma grande parte desse agradecimento vai para Kimberly Nightingale, uma editora verdadeiramente dedicada; à coordenadora de arte Hollie Kilroy e ao revisor de provas Tom Bilstad. Todos os três me ajudaram a insuflar uma nova vida ao *Big Blue*. Um sincero muito obrigado a vocês!

Introdução

A BRUXARIA NÃO É apenas lendária; ela foi e é real. Não está extinta; está viva e progride a cada dia. Desde que as últimas leis contra a Bruxaria foram revogadas (e isso só aconteceu nos anos 1950), os Bruxos puderam vir a público e mostrar-se pelo que são.

E o que eles são? São pessoas inteligentes, com elevada consciência de comunidade e poder de reflexão e que vivem nos dias de HOJE. A Bruxaria não é um passo para trás, um retrocesso para uma época repleta de superstições. Longe disso. É um passo à frente. A Bruxaria é uma religião muito mais relevante para esta era do que a maioria das igrejas estabelecidas. É a aceitação da responsabilidade pessoal e social. É o reconhecimento de um universo holístico e um caminho rumo a uma elevação da consciência. Direitos iguais, feminismo, ecologia, sintonia com o universo, amor fraternal, cuidado com o planeta – todas essas coisas são uma parte e uma parcela da Bruxaria, a antiga e, ainda assim, nova religião.

Essa descrição certamente não é o que uma pessoa comum pensa da Bruxaria. Não; as ideias erradas estão profundamente arraigadas, devido a séculos de desinformação. Como e por que essas mentiras surgiram será explicado mais adiante.

Com a disseminação de informações sobre a Bruxaria – o que ela é, sua relevância para o mundo de hoje – surgiu o “buscador”. Se existe essa alternativa às religiões convencionais, essa visão moderna da vida, voltada para o futuro, conhecida como “Bruxaria”, então como alguém se torna parte dela? Aí está, para muitos, a maior barreira. Informações gerais sobre a antiga religião – informações válidas, oferecidas pelos próprios Bruxos – estão disponíveis, mas a entrada na ordem, não. A grande maioria dos covens (grupos de Bruxos) ainda é muito desconfiada e não abre as portas nem aceita todos os que chegam. Esses covens ficam felizes em corrigir os equívocos, mas não fazem proselitismo. Isso faz com que muitos dos que desejam ser Bruxos, por pura frustração, simplesmente se declarem “Bruxos” e comecem suas práticas por conta própria. Ao fazer isso, eles consultam quaisquer fontes disponíveis, senão todas. O perigo é que não distinguem o que é válido e relevante do que não é. Infelizmente, existem agora muitos covens desse tipo, que se valem de muitos conceitos da Magia Cerimonial mesclados com pitadas de satanismo, vodu e folclore dos nativos norte-americanos. A Bruxaria é uma religião muito “maleável”, em termos de prática, mas tem certos princípios básicos e segue certos padrões estabelecidos em seus rituais.

O propósito deste livro é apresentar essas informações necessárias. Com ele, você – como indivíduo ou como um grupo (com alguns amigos de ideias semelhantes) – poderá ter sua própria prática e ficar satisfeito por saber que ela é ao menos tão válida quanto a de qualquer tradição estabelecida ou poderá, quando encontrar um coven, tornar-se um

participante iniciado com um treinamento e um conhecimento tão bons quanto os de qualquer membro do coven (senão melhor).

Na Igreja cristã existem muitas denominações (episcopal, católica romana, batista, metodista). Na Bruxaria ocorre o mesmo. Assim como nenhuma religião é correta para todas as pessoas, não existe uma denominação da Bruxaria que seja correta para todos os Bruxos. E é assim que deve ser. Todos somos diferentes. Nossos antecedentes – étnicos e sociais – variam imensamente. Costuma-se dizer que existem muitos caminhos, mas todos levam ao mesmo lugar. Com tantos caminhos, é muito provável que você encontre um que seja adequado para *você*, um que possa percorrer com conforto e segurança.

Para que este livro seja mais útil, as informações apresentadas – o treinamento que você receberá – não pertencem a nenhuma denominação. Extraí exemplos de diferentes tradições (gardneriana, saxônica, alexandrina, escocesa), oferecendo informações genéricas e específicas. Seu conteúdo foi retirado dos meus mais de vinte anos de participação ativa na Arte e quase o dobro disso na esfera do ocultismo em geral. Quando tiver terminado este treinamento (presumindo que o leve a sério), você terá o equivalente ao Terceiro Grau, na tradição gardneriana ou similar. A partir daí você pode, como eu já disse, seguir um treinamento mais específico, caso se sinta atraído por uma tradição em particular. Esta obra, no entanto, lhe proporcionará um conhecimento básico da Bruxaria e um alicerce excelente.

Este é um livro de exercícios... É algo com que você deve trabalhar. Em vez de “capítulos”, portanto, eu o dividi em “lições”. Ao final de cada lição, serão apresentados exercícios e questões para avaliar sua compreensão do assunto tratado. Leia cada lição. Leia e absorva. Leia duas ou três vezes se necessário. Volte e preste especial atenção àquilo que não absorveu facilmente. Quando você estiver satisfeito com o que aprendeu, responda às questões avaliatórias. Responda com suas próprias palavras, sem se referir ao texto lido. Desse modo, você verá o que assimilou ou não. Não passe para a lição seguinte até que você esteja totalmente satisfeito com a anterior. As respostas das questões avaliatórias podem ser encontradas no Apêndice B.

Escrevi este livro seguindo uma ordem específica. Não tente saltar páginas, passando para lições mais “interessantes”... Você pode descobrir que ainda não tem os requisitos necessários para compreendê-las! Quando tiver trabalhado o livro inteiro, aí sim será a hora de voltar a mergulhar nele, para se lembrar dos conceitos que mais lhe interessam.

Este livro é baseado num curso bem-sucedido de Seax-Wica, que foi útil para milhares de estudantes mundo afora. Essa experiência comprovou que a fórmula funciona e funciona muito bem. Mas já adianto que, embora este livro seja baseado no curso, não se trata do mesmo curso. O curso Seax-Wica englobava especificamente a tradição saxônica; este livro não. Repeti aqui, de fato, muitas informações de cunho geral sobre a Arte, mas não tanto que um aluno do curso também não pudesse apreciar este livro.

Assim, se você for um estudante dedicado da Bruxaria, ou Wicca, seja como um futuro praticante ou por interesse acadêmico, eu lhe dou as boas-vindas. E espero que você o aproveite tanto quanto meus antigos alunos. Bênçãos brilhantes.

Introdução à Edição de Aniversário de 25 Anos

VINTE CINCO ANOS... UM QUARTO DE SÉCULO! Isso parece muito tempo para que qualquer livro continue sendo considerado atual, e fico muito feliz que o *Big Blue*, como este livro passou a ser chamado, ainda seja um dos pilares da Antiga Religião. Mas vamos examinar a fundo a palavra *BRUXARIA*. Existe alguma diferença entre Bruxaria e Wicca?

Quando Gerald Gardner escreveu seu revolucionário *Witchcraft Today*, em 1954, ele usou as palavras “Bruxa” e “Bruxaria” ao longo de todo o livro, só mencionando a palavra “wicca” poucas vezes. (O livro de Gardner, por acaso, é o primeiro manual de Bruxaria já escrito por um verdadeiro praticante e, como tal, a mais importante obra sobre o assunto.) Alguns anos depois da publicação de *Witchcraft Today*, quando a Arte estava começando a voltar a ser praticada, havia muitas reivindicações para que se criasse um outro nome para ela. “As pessoas associam a Bruxaria ao satanismo e à magia negra”, dizia-se. “Então, por que não mudamos o nome dela?” Gardner e eu conversamos sobre isso várias vezes e nós dois estávamos convencidos de que seria muito melhor ensinar “os ignorantes”, explicando o que é a Bruxaria e em que os Bruxos *realmente* acreditam e o que fazem, do que sermos forçados a mudar o nome dela. Naquela época (anos 1960), eu fazia palestras, escrevia artigos, dava entrevistas, principalmente para ensinar as pessoas e para desfazer mal-entendidos. Depois que Gardner morreu e seus livros começaram a sair do catálogo das editoras, escrevi meu *Witchcraft from the Inside* (Llewellyn, 1971; 1975; 1995), para preencher a lacuna que deixaram e garantir que a verdadeira voz da Arte continuasse a ser ouvida.

Durante muitos anos, esse debate continuou entre os praticantes, que queriam, cada vez mais, que sua Arte fosse conhecida como Wicca, não como Bruxaria. Não havia, porém, nenhum debate sobre o que praticavam. Todos concordavam que se tratava da Antiga Religião; que nos reuníamos para reverenciar os antigos deuses e deusas. Diferentes tradições, ou denominações, desenvolveram-se, mas todas se centravam na Arte como religião.

Dentro da religião, havia uma diversidade com relação às práticas auxiliares, tanto individuais quanto em covens. Algumas se restringiram à magia de cura. Outras se expandiram e passaram a incluir várias formas de divinação, herbologia, astrologia etc. Embora todas essas artes fossem incentivadas como práticas individuais, a magia (em geral para promover a cura) era sempre praticada em covens. O ensinamento original era de que, assim, haveria uma salvaguarda contra qualquer tendência para se praticar a magia malevolente... Um indivíduo com um temperamento explosivo, por exemplo, poderia se sentir tentado a se vingar de um ataque, mas o restante do coven poderia equilibrar a

situação, convencendo-o a dar mais ênfase à segunda parte do princípio moral da Wicca, “Faça o que quiser, mas não prejudique ninguém”.

Nos dias de hoje – nos primeiros anos do século XXI –, vemos uma grande mudança. Se para melhor ou pior ainda não podemos avaliar, e isso vai depender do ponto de vista de cada um. Hoje a palavra “wicca” normalmente é dirigida àqueles que ainda seguem os preceitos da Antiga Religião e reverenciam os deuses de acordo com a Roda do Ano, nos esbás e nos sabás. A palavra “Bruxaria” passou a ser relegada àqueles que gostariam de praticar magia e apenas isso; aqueles que, em grupo ou sozinhos, “lançam feitiços” e tentam influenciar os outros, nem sempre positivamente. Na realidade, esses “lançadores de feitiços” nem devem se autointitular “Bruxos” porque são apenas praticantes de magia. Porém, eles parecem pensar que o termo “Bruxo” tem um certo romantismo, mas num sentido do qual os pioneiros tentaram, com todas as suas forças, se desvencilhar!

Neste livro – o *Big Blue* –, vamos descrever os princípios básicos da Antiga Religião, que gravitam em torno da reverência ao Senhor e à Senhora. Também serão apresentados detalhes de várias práticas, como a cura, a herbologia, a divinação e – sim – a magia. Não conclua, pelo que eu disse anteriormente, que estou dizendo que os Bruxos não devem praticar magia. Longe disso. Mas eu sempre insisto em dizer aos meus alunos que ela só deve ser praticada se de fato houver uma *necessidade real*. Não por brincadeira. Não para provar que a magia funciona. Não para você se exibir para os outros. E a magia praticada pelo que eu chamo de Bruxos “de verdade” é *sempre positiva*. “Faça o que quiser, mas não prejudique ninguém”, essa é a doutrina. E esse “ninguém” inclui você, obviamente. Hoje em dia, algumas pessoas que se autodenominam Bruxos parecem se juntar e dizer: “E aí? Que feitiço vamos lançar desta vez?”. E sempre há uma ênfase na tentativa de influenciar os pensamentos e atos de outras pessoas. É preciso lembrar que praticar magia para induzir outra pessoa a se apaixonar, por exemplo, é tão negativo quanto tentar lhe incitar o ódio. Ambas as coisas interferem no livre-arbítrio do indivíduo.

Isso me faz lembrar dos praticantes que trabalham sozinhos... os Bruxos Solitários. Até que ponto essa prática solitária é válida? No meu livro *Wicca for One* (Citadel Press, 2004) – e você deve ter reparado que aderi à prática “Se não pode com eles, junte-se a eles”, quando optei por usar a palavra Wicca em vez de Bruxaria –, enfatizei que a prática solitária é na realidade muito mais antiga do que a prática em covens. A falecida dra. Margaret Murray era muito citada nos primeiros tempos do ressurgimento da Antiga Religião. Eu mesmo me sinto culpado por aceitar todas as “cartas brancas” da pesquisa dela. Mas estudos posteriores, realizados por uma variedade de pesquisadores, mostram que a dra. Murray deturpou algumas das suas descobertas para que corroborassem suas teorias – uma prática nada incomum entre os acadêmicos. Ela defendeu a ideia de chamar grupos de Bruxos de “covens”. Na verdade, a ideia dos covens só surgiu no julgamento de Bessie Dunlop, em Ayrshire, na Escócia, em 1567. Embora a própria Bessie não usasse a palavra “coven”, ela disse que fazia parte de um grupo composto por cinco homens e oito mulheres. Foi só no julgamento de Isobel Gowdie, em Auldearne, em 1662, que a palavra foi usada, em referência a um grupo de treze pessoas. Murray se baseou nesse grupo e disse que *todos* os covens eram compostos de treze pessoas. Cecil L’Estrange Ewen, autora de *Witch Hunting and Witch Trials: the Indictments for Witchcraft from the Records of 1373 Assizes Held for the Home Circuit A.D. 1559-1736* (1929), verificou os números apresentados por Murray e afirmou que, em todos os casos, os grupos de treze pessoas mencionados por Murray

“tinham sido obtidos por meio de omissão injustificável, acréscimo ou disposição incongruente”. Escritores sensacionalistas posteriores, como Montague Summers, disseminaram a ideia de que o coven era composto de treze pessoas. Portanto, muitos Bruxos de fato praticam em grupo e alguns desses grupos se autodenominam covens, mas eles nem sempre são compostos de treze pessoas.

A pergunta continua, no entanto: “Quem iniciou o primeiro Bruxo?”. Se o Bruxo só trabalhava em grupo e iniciava os recém-chegados, então como ele passou a ser Bruxo e quem o iniciou? A resposta é que, muito antes de existirem covens ou grupos, já existiam muitos praticantes solitários. Esses indivíduos dedicavam-se (iniciavam-se) ao serviço aos deuses. Eles se sentiam capazes de se postar num campo, à luz da Lua, para agradecer aos deuses pelo que tinham feito ou pedir que atendessem aos seus pedidos. Eles não precisavam de um grupo para fazer isso. A Bruxaria solitária, portanto, não só é “válida” como é também talvez mais fundamentada que a Bruxaria praticada em covens! As lições apresentadas neste livro servem tanto para praticantes solitários quanto para covens. Hoje em dia eu aposto que existem mais covens praticando do que indivíduos e, como afirmei, ambas as práticas são legítimas.

Os problemas surgem apenas quando um grupo se sente superior aos outros. É preciso que se reconheça que todos nós somos diferentes. Como afirmei várias vezes, existem muitos caminhos, mas todos levam ao mesmo lugar. Você pode preferir o caminho que está trilhando, mas isso não faz com que ele seja melhor do que qualquer outro. Você pode achar que pertence a uma linhagem antiga de Bruxos, ter uma espécie de “estirpe”, ser mais reconhecido do que outros Bruxos, mas isso também não faz com que você seja “melhor” do que ninguém. Somos irmãos e irmãs da Arte, todos iguais aos olhos dos deuses.

Referindo-me à Arte como um todo, sei que já fizemos grandes progressos. Nos “primeiros tempos”, como costumam dizer – na década de 1960 e no início da década de 1970 –, costumávamos sonhar com o dia em que a Bruxaria seria aceita simplesmente como “mais uma religião”. Embora esse dia ainda não tenha chegado, ele não tardará. Hoje em dia existem “capelões” wiccanos ajudando muitas pessoas em penitenciárias dos Estados Unidos e Sacerdotes e Sacerdotisas fazendo o mesmo em hospitais e outros lugares. A Wicca é reconhecida nos Estados Unidos como religião e (em grande parte graças aos esforços de Selena Fox do Circle Sanctuary e à Lady Liberty) o pentagrama (normalmente aceito como símbolo da Wicca) é agora um símbolo religioso aprovado para uso na sepultura de militares. Bruxos e Bruxas participam de conferências religiosas nacionais e internacionais. O Exército norte-americano aceita a Wicca como um dos grupos religiosos não tradicionais. Os wiccanos podem usar joias com símbolos da Arte sem causar estranheza. Conferências wiccanas e pagãs ocorrem em hotéis, centros de convenções e acampamentos. Existem cada vez mais sites na internet, assim como uma variedade imensa de livros, cursos e ideias sobre Bruxaria. Certamente ainda existem bolsões de intolerância e casos isolados de antagonismo, mas isso também acontece com outras religiões e grupos minoritários.

Vinte e cinco anos se passaram desde o lançamento de *O Livro Completo de Bruxaria de Raymond Buckland* e já vimos muitos progressos. A Arte é vista com muito mais aceitação, e pessoas de todas as idades e de todas as procedências buscam abertamente o conhecimento propiciado pela Antiga Religião. Espero que este livro possa continuar ajudando muitas gerações a encontrar o caminho que mais lhe beneficie.

Que o Senhor e a Senhora possam acompanhar seus passos, sempre.

Amor e luz,
Raymond Buckland
Ohio, 2011

Agradecimentos

Meu muito obrigado a Ed Fitch, Mike F. Shoemaker, Aidan Breac, Carl Weschcke, minha mulher Tara e Elysia Gallo e todo o pessoal da Llewellyn, que tornou o *Big Blue* possível e fez com que ele continuasse sendo um sucesso de vendas.

LIÇÃO UM

A História e a Filosofia da Bruxaria

ANTES DE REALMENTE CHEGAR ao que a Bruxaria é, talvez devamos olhar para trás e ver o que ela *foi* – a história dela. Os Bruxos precisam conhecer suas raízes; conhecer como e por que as perseguições surgiram, por exemplo, e onde e quando o ressurgimento ocorreu. Existe muito a se aprender com o passado. É verdade que muitas partes da História podem parecer sem vida e tediosa a muitos de nós, mas isto está longe de ocorrer com a história da Bruxaria. Ela está muito viva e cheia de episódios empolgantes.

Muitos livros foram escritos sobre as origens da Bruxaria. A vasta maioria sofreu com o preconceito – como será explicado em breve –, mas uns poucos dentre os mais recentemente publicados contaram a história com exatidão... ou com tanta exatidão quanto se pode apurar. A falecida dra. Margaret Murray procurou e viu as origens da Bruxaria na Era Paleolítica, 25 mil anos atrás. Ela viu a Bruxaria como uma linha mais ou menos contínua até o presente e como uma religião organizada de modo pleno em toda a Europa Ocidental, durante séculos antes do Cristianismo. Recentemente os estudiosos têm contestado muito do que Murray disse. Entretanto, ela conseguiu apresentar muitas evidências tangíveis e muito material que nos induziu a pensar. Como um provável desenvolvimento da magia-religião (em vez da Bruxaria, propriamente dita), suas teorias ainda são respeitadas.

Vinte e cinco mil anos atrás, o ser humano paleolítico dependia da caça para sobreviver. Apenas o sucesso na caçada garantia alimentos para comer, peles para aquecer e abrigar, ossos para confeccionar ferramentas e armas. Naqueles dias, acreditava-se numa multiplicidade de deuses. A Natureza era impressionante. Graças à reverência e ao respeito pelo vento impetuoso, pelo violento relâmpago, pela veloz correnteza, o ser humano deu nome a cada espírito, fez de cada uma divindade... um deus. Isso é o que chamamos de “animismo”. Um deus controlava o vento. Um deus controlava o céu. Um deus controlava as águas. Mas, acima de tudo, um deus controlava as caçadas, tão importantes... um Deus da Caça.

Pintura rupestre da Era Paleolítica

A maioria dos animais caçados tinha chifres, por isso o ser humano primitivo representava o Deus da Caça também com chifres. Essa foi a primeira vez que a magia se mesclou com os primeiros passos vacilantes da religião. A primeira forma de magia foi talvez a variedade *simpática*. Coisas parecidas tinham efeitos parecidos, pensava-se; semelhante atrai semelhante. Se fizessem uma estatueta de bisão em argila e de tamanho natural e ela fosse “atacada” e “morta”, então a caça a um bisão de verdade também terminaria na morte do animal. O ritual mágico-religioso surgiu quando um homem das cavernas se cobriu com uma pele e uma máscara com chifres e representou o deus da caça, liderando o ataque. Existem ainda pinturas rupestres representando tais rituais, assim como estatuetas em argila de bisões e ursos transpassados por lanças.

É interessante verificar que essa forma de magia simpática sobreviveu até os tempos modernos. Os índios Penobscot, por exemplo, menos de cem anos atrás, usavam máscaras de cervo e chifres quando realizavam rituais para o mesmo propósito. A Dança do Búfalo, dos índios Mandan, é um outro exemplo.

Esse deus da caça tinha uma deusa consorte, mas qual dos dois surgiu primeiro (ou se evoluíram juntos) não se sabe nem é relevante. Para que houvesse animais para caçar, era preciso que os animais fossem férteis. Para que a tribo sobrevivesse (e a taxa de mortalidade era bem alta naqueles dias), era preciso que homens e mulheres fossem férteis. Mais uma vez, a magia simpática era utilizada: faziam-se estatuetas de argila de animais se acasalando e realizavam-se rituais em que os membros da tribo copulavam.

Ainda existem muitas representações esculpidas e modeladas da deusa da fertilidade, em geral conhecidas como figuras de “Vênus”. A mais conhecida entre elas é a Vênus de

Willendorf, mas outros exemplos incluem a Vênus de Laussel, a de Sireuil e a de Lespugne. Essas figuras têm, todas elas, um ponto em comum: os atributos femininos são representados em enormes medidas, para enfatizá-los. Elas têm seios pesados e flácidos, grandes nádegas, ventre muitas vezes volumoso, como se estivessem grávidas, além de uma genitália exagerada. Há uma falta de identidade com relação ao resto do corpo. O rosto não é definido e os braços e pernas, quando existem, são apenas sugeridos. Isso evidencia o fato de que seus criadores só estavam preocupados com a questão da fertilidade. A mulher é quem carrega e nutre a prole. A Deusa era sua representação, como a Grande Provedora e Nutriz; Mãe Natureza ou Mãe Terra.

Copyrighted image

A Vênus de Willendorf

Com o desenvolvimento da agricultura, a Deusa foi levada a um patamar mais alto. Ela passou a zelar pela fertilidade dos campos, assim como pela dos animais e da tribo. O ano era dividido naturalmente em dois. No verão, os alimentos podiam ser cultivados, e por isso a Deusa predominava; no inverno, homens e mulheres tinham de se voltar para a caça, portanto o que predominava era a energia do Deus. As demais divindades (do vento, do trovão, do relâmpago etc.) gradativamente passaram para o segundo plano, adquirindo uma importância secundária.

Copyrighted image

Cernunnos

Assim como o homem se desenvolveu, a mesma coisa aconteceu com a religião – pois foi nela que tudo isso se tornou, de modo lento e natural. Os seres humanos se espalharam pela Europa, levando com eles seus deuses. À medida que surgiam países diferentes, o Deus e a Deusa eram denominados de maneira diferente (embora nem sempre recebessem nomes totalmente diferentes; algumas vezes, eles eram simples variações). Mas, ainda assim, eram, na essência, as mesmas divindades. Esse fato é muito bem ilustrado na Bretanha: no sul da Inglaterra, o Deus Cornífero é conhecido como Cernunnos (literalmente “o Chifrudo”). No norte do país, o mesmo deus é chamado de Cerne, uma forma mais abreviada do mesmo nome. E ainda, em outra região, o mesmo nome tornou-se Herne. Nessa época, o ser humano aprendeu não apenas a cultivar os alimentos, mas também a estocá-los para o inverno. Logo a caça tornou-se menos importante. O Deus Cornífero passou a ser visto mais como um deus da natureza em geral, um deus da morte e de tudo que existe depois dela. A Deusa ainda regia a Fertilidade e o Renascimento, pois práticas funerárias do período mostram que se passou a acreditar na vida após a morte. Os gravetianos (22000-18000 AEC) foram inovadores nesse aspecto. Enterravam seus mortos completamente vestidos e ornamentados e espalhavam sobre eles ocre vermelho (hematita, ou peróxido de ferro), para lhes devolver a aparência de vida. Membros de uma mesma família eram muitas vezes enterrados sob a lareira do local onde moravam, para que ficassem próximos dos familiares. Os homens eram enterrados com suas armas; às vezes, até com seu cachorro – tudo de que ele pudesse precisar na vida após a morte.

Não é difícil ver como a crença na vida após a morte surgiu. Na raiz disso, estavam os sonhos. Para citar um trecho de *Witchcraft from the Inside* (Buckland, Llewellyn

Publications, 1975):

Copyrighted image

Jarro de vinho decorado com Deus Cornífero

“Quando o homem dormia, ele estava, aos olhos de sua família e seus amigos, como morto. É verdade que, no sono, ele ocasionalmente se movia e respirava, mas, com exceção disso, estava sem vida. Ainda assim, quando acordava ele podia contar que tinha passado a noite caçando na floresta. Podia contar que havia encontrado e conversado com amigos que, na verdade, estavam mortos. Os outros com quem ele falava podiam acreditar nele, pois também tinham vivenciado esses mesmos sonhos. Eles sabiam que ele não havia tirado os pés da caverna, mas também sabiam que ele não estava mentindo. Parecia que o mundo dos sonhos era um mundo material. Havia árvores e montanhas, animais e pessoas. Até os mortos estavam lá, parecendo imutáveis muitos anos após a morte. Nesse outro mundo, portanto, o homem devia precisar das mesmas coisas de que precisava neste mundo”.

Com o surgimento de diferentes rituais – para a fertilidade, para o sucesso na caçada, para as necessidades sazonais –, foi preciso que se desenvolvesse um sacerdócio: alguns poucos selecionados mais capazes de trazer resultados quando comandavam rituais. Em algumas regiões da Europa (embora provavelmente não em tantos lugares quanto Murray indicou), esses líderes rituais, ou Sacerdotes e Sacerdotisas, tornaram-se conhecidos como os *Wicca* – os “Sábios”. Na verdade, na Inglaterra, na época dos reis anglo-saxões, o rei nunca pensaria em agir em relação a um assunto importante sem consultar o *Witan*, o

Conselho dos Sábios. E os Wicca precisavam ser realmente sábios. Eles não apenas conduziam os rituais religiosos, mas também deviam ter conhecimento de ervas, magia e adivinhação; eram médicos, advogados, magos, Sacerdotes. Para o povo, os Wicca eram os embaixadores entre eles e os deuses. Mas, nos grandes festivais, quase se tornavam os próprios deuses.

Com o Cristianismo, *não* houve a imediata conversão em massa que muitas vezes se sugere. O Cristianismo era uma religião criada pelo homem. Ele não evoluiu gradativa e naturalmente através dos milhares de anos, como vimos que aconteceu com a Antiga Religião. Países inteiros foram classificados como cristãos, quando, na verdade, apenas seus governantes haviam adotado a nova religião, e com frequência apenas de maneira superficial. Em toda a Europa, a Antiga Religião, em suas muitas e variadas formas, ainda permaneceu proeminente pelos primeiros mil anos do Cristianismo.

Uma tentativa de conversão em massa foi feita pelo Papa Gregório, o Grande. Ele achava que erigir igrejas nos lugares de templos pagãos, onde as pessoas já estavam acostumadas a se reunir, era uma forma de fazer com que elas frequentassem as novas igrejas cristãs. Ele instruiu os bispos a destruir os “ídolos” e jogar água benta nesses templos e dedicá-los ao deus cristão. Em grande medida, Gregório foi bem-sucedido. As pessoas, no entanto, não eram tão ingênuas quanto ele pensava. Quando as primeiras igrejas cristãs foram construídas, os únicos disponíveis para construí-las eram os próprios pagãos. Ao ornamentar as igrejas, os pedreiros e escultores claramente incorporaram à decoração figuras de suas próprias divindades. Dessa maneira, mesmo sendo obrigadas a ir às igrejas, as pessoas ainda podiam cultuar seus próprios deuses ali.

Muitas dessas figuras existem até hoje. A Deusa é geralmente representada como uma divindade da fertilidade, com as pernas abertas e a genitália de tamanho maior do que o natural. Essas figuras são geralmente conhecidas como *Shiela-na-gigs*. O Deus é representado com chifres e cercado de folhas; ele é conhecido como uma “máscara de folhas” e como “Jack of the Green” ou “Robin o’ the Woods”. Essas figuras do antigo Deus não devem ser confundidas com as gárgulas, figuras monstruosas, esculpidas nos quatro cantos das torres das igrejas, para assustar os demônios.

Nos primeiros tempos do Cristianismo, principalmente, foram adotados de maneiras mais definitivas outros conceitos oriundos das antigas religiões. A ideia da Trindade, por exemplo, foi extraída da antiga tríade egípcia. Osíris, Ísis e Hórus tornaram-se Deus, Maria e Jesus. O dia 25 de dezembro como nascimento de Jesus foi emprestado do Mitraísmo – que também defendia a segunda vinda de Cristo e o ato de “comer o corpo e beber o sangue de Deus”. Em muitas religiões do mundo antigo encontram-se concepções imaculadas e o sacrifício do deus pela salvação do ser humano.

Witchcraft Ancient and Modern
Raymond Buckland
HC Publications, Nova York, 1970

Naqueles primeiros tempos, quando o Cristianismo estava lentamente ganhando forças, a Antiga Religião – os wiccanos e outros pagãos – eram seus rivais. É natural que se queira eliminar um rival, e a Igreja não poupou esforços para fazer exatamente isso. Costuma-se dizer que os deuses de uma antiga religião se tornam os demônios da nova. E esse foi certamente o caso aqui. O Deus da Antiga Religião era um deus cornífero. Portanto, aparentemente, era o demônio cristão. Aos olhos da Igreja, os pagãos eram obviamente adoradores do Demônio! Esse tipo de raciocínio é usado pela Igreja ainda hoje. Os missionários, particularmente, tendiam a rotular todas as tribos primitivas que encontravam como adoradores do Demônio, apenas porque as tribos cultuavam um deus ou deuses que não eram o deus cristão. Não fazia diferença que as pessoas fossem boas, felizes e muitas vezes vivessem melhor do ponto de vista moral e ético do que a vasta maioria dos cristãos... elas tinham que ser convertidas!

Copyrighted image

Alguns instrumentos de tortura usados nos julgamentos das Bruxas de Bamberg

A acusação de adorar o Demônio, frequentemente associada aos Bruxos, é ridícula. O Demônio é puramente uma invenção cristã; não há nenhuma menção a ele, como tal, antes do Novo Testamento. Na verdade, é interessante notar que todo o conceito de maldade associado ao Demônio decorre de um erro de tradução. A palavra original hebraica *Hasatan*, que aparece no Velho Testamento, e a palavra grega *diabolos*, do Novo Testamento, significam simplesmente “oponente” ou “adversário”. É preciso lembrar que a ideia de dividir o Poder Supremo em dois – o bem e o mal – é de uma civilização avançada e complexa. Os deuses antigos, ao longo de todo o seu gradativo desenvolvimento, eram muito “humanos”, o que significa que tinham, por natureza, um lado bom e um lado mal. Foi

a ideia de uma divindade constituída apenas de bondade e amor que tornou necessário o surgimento de um antagonista. Numa linguagem simples, só se pode ver a cor branca se existir uma cor contrária, o preto, com a qual a comparar. Essa visão de um deus constituído apenas de bondade foi desenvolvida por Zoroastro (Zaratustra), na Pérsia, no século VII BCE. A ideia disseminou-se posteriormente para o oeste e foi adotada pelo Mitraísmo e, depois, pelo Cristianismo.

O *Malleus Maleficarum* é composto de três partes, sendo que a primeira trata das “três condições necessárias para a Bruxaria: o Diabo, a Bruxa e a permissão de Deus Todo-Poderoso”. Nesse livro, o leitor é advertido, pela primeira vez, de que *não* acreditar em Bruxaria é heresia. Discutem-se, então, se as crianças podem ser geradas por íncubos e súcubos; a copulação das Bruxas com o Demônio; se as Bruxas podem influenciar a mente dos homens, incitando-os ao amor ou ao ódio; se as Bruxas podem embotar o poder de gestação ou obstruir o ato venéreo; se as Bruxas podem fazer truques de prestidigitação, de modo que o órgão masculino pareça inteiramente afastado e separado do corpo; as várias maneiras pelas quais uma Bruxa pode matar uma criança no útero etc., etc.

A segunda parte trata “dos métodos pelos quais as Bruxas infligem os malefícios e de que modo estes podem ser curados”; explica os “vários métodos pelos quais os demônios, por meio das Bruxas, seduzem e atraem inocentes para o aumento de seu horrível ofício e sua companhia; a forma pela qual é feito um pacto com o diabo; como elas se transportam de um lugar para o outro; como as Bruxas impedem e previnem o poder da procriação; como elas deixam os homens desprovidos do seu membro viril; como as Bruxas parteiras cometiam crimes horrendos quando matavam as crianças ou as ofereciam ao Diabo em blasfemo ritual; como as Bruxas infligiam mal ao gado, desencadeavam e evocavam tempestades de granizo e de como fulminavam homens e animais com raios”. Seguiam-se então remédios para as situações acima.

A terceira parte do livro, que trata das “Medidas judiciais no Tribunal Civil e Eclesiástico a serem tomadas contra as Bruxas e contra todos os hereges”, é talvez a mais importante. É nessa parte que se descrevem as normas para a instauração dos processos e para lavrar as sentenças. “Quem são os juízes mais indicados para o julgamento de Bruxas?” é a primeira questão. Seguem-se o “método para dar início a um processo; o juramento solene e o interrogatório das testemunhas; a qualidade e a condição das testemunhas; se inimigos mortais podem ser admitidos como testemunhas”. Aqui ficamos sabendo que “o testemunho de homens de má reputação e de criminosos, e de servos contra seus mestres, é aceito (...) deve-se notar que uma testemunha não deve ser desqualificada devido a qualquer espécie de inimizade”. Nós descobrimos que, em se tratando de Bruxaria, praticamente qualquer pessoa pode fornecer provas, embora em qualquer outra situação elas não fossem admitidas. Até as provas oferecidas por crianças pequenas eram admissíveis.

É óbvio, pelo que foi mencionado, que os autores do *Malleus Maleficarum* tinham certas obsessões. Muitos capítulos são, por exemplo, relacionados a aspectos sexuais da Bruxaria... Quem eram os autores dessa obra infame? Dois dominicanos chamados Jakob Sprenger e Heinrich (Institor) Kramer.

Witchcraft Ancient and Modern
Raymond Buckland
HC Publications, Nova York, 1970

Copyrighted image

Castelo de Rushen

À medida que o Cristianismo gradativamente se fortalecia, a Antiga Religião perdia terreno. Na época da Reforma, ela só existia em regiões remotas da área rural. Nessa época, os não cristãos passaram a ser conhecidos como pagãos ou gentios. A palavra “pagão” vem do latim *pagani* e significa simplesmente “pessoa que mora no campo”. A palavra “gentio” significa “aquele que vive na mata”. Os termos, portanto, eram apropriados para os não cristãos daquela época, mas não tinham nenhuma conotação de maldade; seu uso, hoje, de forma depreciativa, é totalmente incorreto.

A campanha difamatória contra os não cristãos continuou ao longo dos séculos. O que os wiccanos faziam era deturpado e usado contra eles. Eles de fato faziam magia para promover a fertilidade e aumentar as colheitas, mas a Igreja dizia que tornavam as mulheres e o gado estéreis e arruinavam as colheitas! Aparentemente, ninguém parava para pensar que, se os Bruxos realmente fizessem tudo aquilo de que eram acusados, eles também sofreriam as consequências. Afinal, eles também tinham que comer para viver. Num antigo ritual para a fertilidade, os camponeses iam para os campos, sob a luz da Lua cheia, e dançavam ao redor deles, montados em forcados, mastros e vassouras, cavalgando-os como cavalos de madeira.

Eles deviam saltar no ar enquanto dançavam, para mostrar aos brotos a que altura deviam crescer. Uma forma inofensiva de magia simpática. A Igreja, no entanto, dizia não apenas que eles estavam agindo *contra* as colheitas, mas que na verdade voavam em seus mastros... claramente um ato demoníaco!

Em 1484, o Papa Inocêncio VIII publicou sua Bula contra as Bruxas. Dois anos depois, dois infames monges alemães, Heinrich Institoris Kramer e Jakob Sprenger, produziram sua inacreditável obra antibruxaria, o *Malleus Maleficarum* [O Martelo das Feiticeiras]. Nesse livro, davam instruções específicas para a perseguição das Bruxas. Entretanto, quando o livro foi submetido à aprovação da Faculdade de Teologia da Universidade de Colônia, na Alemanha – o censor nomeado da época –, a maioria dos professores considerou-o ilegal e antiético. Kramer e Sprenger não desanimaram e forjaram a aprovação da faculdade, uma farsa que não foi descoberta até 1898.

De modo gradativo, a histeria provocada por Kramer e Sprenger começou a se espalhar. Ela se alastrou como fogo – surgindo em lugares inesperados e espalhando-se rapidamente por toda a Europa. Por quase trezentos anos, a fúria das perseguições continuou. A humanidade enlouqueceu. Habitantes de vilas inteiras onde se suspeitava haver uma ou duas Bruxas morando eram enviados à morte aos brados de: “Matai-os todos... O Senhor reconhecerá os seus!”. Em 1586, o Arcebispo de Treves decidiu que Bruxos tinham causado o inverno severo que assolava a região. Por meio de frequente tortura, obteve uma “confissão”, e 120 mulheres e homens morreram na fogueira, sob a acusação de que haviam interferido nos elementos naturais.

Copyrighted image

Casa de Salém, cidade onde ocorreram os julgamentos das Bruxas de Salém

Uma vez que a fertilidade tinha grande importância – a fertilidade dos campos e dos animais –, os Wicca, seguidores da religião baseada na natureza, realizavam certos rituais sexuais. Os juízes cristãos devotaram uma atenção exagerada a esses rituais sexuais e pareciam deleitar-se em bisbilhotar cada mínimo detalhe relativo a eles. Os rituais da Arte eram alegres em sua essência, mas totalmente incompreensíveis para os sombrios inquisidores e reformadores, que buscavam reprimi-los.

Uma estimativa grosseira do número total de pessoas queimadas, enforcadas ou torturadas até a morte sob a acusação de Bruxaria é nove milhões. Obviamente nem todas eram seguidoras da Antiga Religião. Tratava-se de uma ótima oportunidade para alguns se verem livres de qualquer um contra o qual tivessem algum rancor! Um excelente exemplo da forma pela qual a histeria se desenvolveu e se espalhou é o caso das chamadas Bruxas de Salém, em Massachusetts. É duvidoso que quaisquer das vítimas enforcadas fossem realmente seguidoras da Antiga Religião. Bridget Bishop e Sarah Good provavelmente eram, mas as demais eram todos pilares da igreja local, até que crianças históricas “gritassem” seus nomes.

Mas e quanto ao Satanismo? Os Bruxos eram chamados de adoradores do Diabo. Havia alguma verdade nisso? Não. Ainda que, como em todas as acusações, houvesse uma razão para essa crença. Em seu início, a Igreja era extremamente dura com seus seguidores. Ela não apenas determinava a forma pela qual os camponeses prestavam culto, mas também as formas pelas quais viviam e amavam. Franziu-se o cenho até mesmo para o intercuro sexual entre casais casados. Achava-se que não se devia ter nenhuma alegria no ato, permitido apenas para a procriação. O intercuro era ilegal nas quartas-feiras, nas sextas-feiras e nos domingos; pelos quarenta dias que antecediam o Natal e pelo mesmo tempo antes da Páscoa; por três dias antes de receber a comunhão e da concepção até quarenta dias após o parto. Em outras palavras, somente em aproximadamente dois meses por ano podia-se ter relações sexuais com o cônjuge... mas sem sentir prazer com o ato, é claro!

Não há dúvidas de que tais coisas, juntamente com outras crueldades semelhantes, conduziram a uma rebelião – mesmo que clandestina. As pessoas – desta vez os cristãos –, ao descobrir que seu destino não melhorava quando rezavam ao chamado Deus de Amor, decidiam rezar para o seu adversário. Se Deus não iria ajudá-las, talvez o Diabo ajudasse. Assim surgiu o Satanismo. Uma paródia do Cristianismo, uma imitação dele. Tratava-se de uma revolta contra a rigidez da Igreja. Como se descobriu depois, o “Demônio” também não ajudava o pobre camponês. Mas, pelo menos assim, indo contra o estabelecido, ele demonstrava seu desdém pelas autoridades.

Não levou muito tempo até que a “Santa Madre Igreja” percebesse essa rebelião. O Satanismo era anticristão. A Bruxaria também era – aos olhos da Igreja – anticristã. Logo, Bruxaria e Satanismo eram uma coisa só.

Em 1604, o Rei James I sancionou seu Ato Contra a Bruxaria, que foi revogado em 1736 e substituído por outro, segundo o qual não existia tal coisa como a Bruxaria. Portanto, quem afirmava ter poderes ocultos estava sujeito à acusação de fraude. Por volta do final do século XVII, os membros sobreviventes da Arte viviam na clandestinidade. Pelos trezentos anos seguintes, para todos os efeitos, a Bruxaria estava extinta. Mas uma religião que já havia durado vinte mil anos não morreria tão facilmente. Em pequenos grupos – covens sobreviventes, às vezes entre membros de uma mesma família –, a Arte sobreviveu.

No campo literário, o Cristianismo chegou ao seu apogeu. A imprensa foi inventada e desenvolvida durante as perseguições, portanto qualquer coisa publicada sobre o tema da Bruxaria era escrita do ponto de vista da Igreja. Os livros posteriores tinham como referência apenas esses primeiros trabalhos; naturalmente, então, o preconceito contra a Antiga Religião era severo. Na verdade, foi apenas em 1921, quando a dra. Margaret Alice Murray escreveu *Witch Cult In Western Europe*, que a Bruxaria foi examinada de um ponto de vista

não preconceituoso. Estudando os registros dos julgamentos na Idade Média, Murray (uma eminente antropóloga e professora de Egiptologia da Universidade de Londres) encontrou pistas que pareciam indicar a existência de uma religião pré-cristã, definida e organizada, por trás de toda a “sujeira” disseminada pelas alegações cristãs. Embora as teorias dela tivessem, por fim, se provado um pouco forçadas em algumas áreas, ela realmente conseguiu provocar certo furor. A Wicca não era tão difundida nem conhecida quanto Murray sugeriu (nem há provas de uma linhagem contínua de Bruxos desde os homens das cavernas), mas não há dúvida de que ela existiu como culto religioso, mesmo que esporádico, no espaço e no tempo. Murray ampliou suas ideias em seu segundo livro, *The God of the Witches*, em 1931.

Em 1951, na Inglaterra, as últimas leis contra a Bruxaria foram finalmente revogadas. Isso abriu caminho para que as próprias Bruxas se expressassem. Em 1954, o dr. Gerald Brousseau Gardner, em seu livro *Witchcraft Today*, disse, com efeito: “O que Margaret Murray teorizou é verdade. A Bruxaria foi uma religião e de fato ainda é. Eu sei, porque eu mesmo sou Bruxo”.

Gardner revelou que a Arte ainda estava viva, embora oculta. Foi o primeiro a contar a versão bruxa da história. Na época em que escreveu isso, parecia-lhe que a Arte estava declinando e talvez se mantivesse apenas por um fio. Ele ficou muito surpreso, quando, em resultado da publicação de seus livros, começou a receber notícias de muitos covens por toda a Europa, que ainda praticavam alegremente suas crenças. Mas esses covens sobreviventes haviam aprendido sua lição. Não queriam correr o risco de vir a público. Quem poderia garantir que as perseguições não começariam novamente?

Copyrighted image

Dr. Gerald Gardner

Por algum tempo, Gerald Gardner foi a única voz em defesa da Arte. Ele afirmava ter sido iniciado num coven inglês, perto de Christchurch, na costa sul da Inglaterra, logo antes do início da II Guerra Mundial. Ele ficou empolgado com o que encontrou. Havia passado toda a sua vida estudando magia religiosa e agora era parte dela. Ele queria sair correndo dali e contar para todo mundo. Mas não tinha permissão para tal. Por fim, depois de muito implorar, permitiram que ele apresentasse algumas das verdadeiras crenças e práticas dos Bruxos num romance, *High Magic's Aid*, publicado em 1949. Ele levou mais cinco anos para persuadir o coven a permitir que ele contasse a natureza dos fatos. Para complementar *Witchcraft Today*, ele publicou seu terceiro livro em 1959, intitulado *The Meaning of Witchcraft*.

Com base nos seus próprios estudos de religião e magia, Gardner concluiu que os remanescentes da Bruxaria que ele encontrara estavam incompletos e, em certo sentido, incorretos. Durante milênios, a Antiga Religião havia sido puramente uma tradição oral. Foi apenas com as perseguições, com a separação dos covens e a resultante perda de intercomunicação que surgiram os primeiros registros. Naquela época, quando os Bruxos tinham que se reunir nas sombras, os rituais passaram finalmente a ser descritos no que se tornou conhecido como *O Livro das Sombras*, que era copiado e recopiado à medida que passava, através dos anos, de um líder de coven para outro. É natural que houvesse erros. Gardner reuniu os rituais do coven ao qual pertencia – um grupo basicamente inglês/celta – e os rescreveu do modo que ele sentia que deviam ter sido. Essa foi a base do que se tornou conhecida como “Bruxaria gardneriana”. Com o tempo surgiram muitas teorias e acusações acirradas e surpreendentes, desde “Gardner inventou a coisa toda” até “Gardner encarregou Aleister Crowley de escrever *O Livro das Sombras* para ele. Tais acusações nem merecem uma resposta, mas detalhes do trabalho preparatório de Gardner podem ser encontrados nos livros de Stewart Farrar, *What Witches Do* e *Eight Sabbats for Witches*.

Entretanto, quaisquer que sejam os sentimentos que se nutra por Gardner, qualquer que seja a crença de uma pessoa com relação às origens da Wicca, *todos* os Bruxos da atualidade e os que existirão pelos séculos à frente têm com ele uma enorme dívida de gratidão, pela coragem que ele teve de erguer a voz e defender a Bruxaria. É por causa dele que podemos viver a Arte, em suas muitas formas, nos dias de hoje.

Nos Estados Unidos, o primeiro Bruxo a “se reconhecer como tal” fui eu, Raymond Buckland. Naquela época, não havia covens nesse país. Iniciado na Escócia (Perth) pela Grã-Sacerdotisa de Gardner, decidi seguir os passos dele numa tentativa de corrigir os equívocos disseminados havia tanto tempo e mostrar a Arte pelo que ela realmente é. Logo Sybil Leek entrou em cena, seguida de Gavin e Yvonne Frost, entre outros. Foi uma época empolgante, na medida em que mais e mais covens, e muitas diferentes tradições, vinham a público ou, pelo menos, faziam-se conhecer. Hoje, aquele que deseja ser Bruxo tem um vasto leque de tradições entre as quais escolher: gardneriana, celta (em muitas variações), saxônica, alexandrina, druida, Algard, nórdica, irlandesa, escocesa, siciliana, hunica etc. Detalhes de algumas dessas diferentes tradições são apresentados no Apêndice A.

É admirável que existam tantos, e tão variados, ramos (“denominações” ou “tradições”) de Bruxaria. Como eu disse na introdução deste livro, todos somos diferentes. Não é de surpreender que não exista uma religião que sirva para todas as pessoas. Da mesma maneira, não existe um tipo único de Bruxaria que sirva para todos os Bruxos. Alguns gostam de muitos rituais, enquanto outros prezam a simplicidade. Alguns são de origem celta, outros

de origem saxã, irlandesa, italiana ou outra. Alguns são a favor do matriarcado; outros, do patriarcado, e ainda existe quem busque o equilíbrio. Alguns preferem cultuar em grupo (coven), enquanto outros preferem o culto solitário. Com o grande número de denominações que existe hoje em dia, é mais provável que todos encontrem um caminho que possam seguir de boa vontade.

Copyrighted image

O Moinho das Bruxas: berço da Wicca gardneriana

A religião percorreu um longo caminho desde suas humildes origens, nas cavernas da Pré-História. A Bruxaria, como uma pequena faceta da religião, também percorreu um longo caminho. Ela cresceu e se tornou religião no mundo inteiro e, muitas vezes, legalmente reconhecida.

Hoje, não é difícil encontrar, nos Estados Unidos, festivais wiccanos abertos e seminários acontecendo em lugares improváveis, como acampamentos familiares e hotéis. Os Bruxos aparecem em programas de rádio e TV; escreve-se sobre eles em jornais e revistas. Cursos de Bruxaria são oferecidos em faculdades. Até mesmo nas forças armadas norte-americanas, a Wicca é reconhecida como uma religião válida (O Panfleto Nº 165-13 do Departamento do Exército, “Necessidades e Práticas Religiosas de Certos Grupos Seleccionados – Um Manual para Capelões”, inclui instruções sobre os direitos religiosos dos Bruxos, assim como de grupos islâmicos, *sikhs*, cristãos, indígenas, japoneses e judeus.

Sim, a Bruxaria tem um lugar em nosso passado e terá um lugar bem definido no futuro.

A Filosofia da Bruxaria

A Arte é uma religião de amor e alegria. Ela não é sombria como o Cristianismo, com suas ideias de “pecado original”, com a salvação e a felicidade possíveis apenas na vida após a morte. A música da Bruxaria é alegre e cheia de vida, contrastando com os hinos de lamentação do Cristianismo. Por quê? Muito disso tem a ver com a empatia que os wiccanos têm com a natureza. Os primeiros povos compactuavam com a natureza por pura necessidade. Eles eram uma parte da natureza, não eram separados dela. Um animal era um irmão, assim como uma árvore. Homens e mulheres cuidavam dos campos e, em troca, recebiam alimento para sua mesa. É claro que eles matavam animais para se alimentar. Mas muitos animais matam outros animais para se alimentar. Em outras palavras, o ser humano era parte da ordem natural das coisas, não estava separado dela. Nem se considerava “acima” dela.

Os homens e mulheres modernos perderam muito dessa proximidade, se não toda ela. A civilização os afastou da natureza. Mas isso não vale para os Bruxos! Mesmo hoje, neste mundo mecanizado e supersofisticado que esse ramo da natureza (homens e mulheres) criou, a Wicca mantém suas ligações com a Mãe Natureza. Em livros como o de Brett Bolton, *The Secret Powers of Plants*, nós aprendemos sobre a “incrível”, “extraordinária” reação saudável das plantas à ternura; sobre como elas sentem e reagem ao que é bom e ao que é mau; como elas expressam amor, medo, ódio (algo que pode brotar na mente dos vegetarianos quando se tornam extremamente críticos em relação aos que comem carne, talvez?). Essa não é uma descoberta recente. Os Bruxos sempre souberam disso. Sempre falaram ternamente com as plantas. Não é incomum ver um Bruxo, ao andar num bosque, parar e abraçar uma árvore. Não é raro ver uma Bruxa tirar os sapatos e andar descalça num campo arado. Isso tudo consiste em manter o contato com a natureza; em não perder nossa herança.

Se você alguma vez se sentir completamente esgotado, se estiver zangado ou tenso, saia ao ar livre e sente-se junto a uma árvore. Escolha uma árvore frondosa, sólida (o carvalho e o pinheiro são boas opções), sente-se no chão, com as costas eretas, e se encoste no tronco. Feche os olhos e relaxe. Você sentirá uma mudança gradual em seu corpo. Sua tensão, sua raiva e seu cansaço vão desaparecer. É como se a árvore drenasse tudo isso de você e substituísse esse mal-estar por uma sensação crescente de calor, amor e conforto. Esses sentimentos vêm da árvore. Aceite-os e regozije-se. Fique sentado ali até se sentir renovado. Então, antes de ir embora, fique de pé com os braços ao redor da árvore e a agradeça.

Reserve algum tempo para parar e apreciar tudo ao seu redor. Sinta o cheiro da terra, das árvores, das folhas. Absorva suas energias e envie a eles as suas. Um dos fatores que contribuem para nosso isolamento do resto da natureza é o material isolante de nossos sapatos. Quando puder, fique descalça. Faça contato com a terra. Sinta-a; absorva-a. Mostre seu respeito e seu amor pela natureza e viva *com* a natureza.

Do mesmo modo, viva *com* as outras pessoas. Você vai encontrar muitas, no curso da vida, que podem se beneficiar desse encontro. Sempre esteja pronto para ajudá-las da forma que puder. Não ignore ninguém, nem afaste os olhos se souber que elas precisam de ajuda. Se puder ajudar, ajude de boa vontade. Por outro lado, não tente assumir o controle sobre a vida de outra pessoa. Todos temos que viver nossa própria vida. Mas, se você puder ajudar, aconselhar, apontar o caminho, então faça isso. O que a pessoa fará daí em diante será escolha dela.

A doutrina máxima da Bruxaria, a Rede Wiccana, é:

“Faça o que quiser, mas não prejudique ninguém”.

Faça o que você quiser, desde que não faça nada que possa prejudicar outra pessoa. É simples assim.

Em abril de 1974, o Conselho de Bruxos Americanos adotou um conjunto de Princípios da Crença Wiccana. Eu mesmo sigo esses princípios e os relaciono a seguir. Leia-os cuidadosamente.

1. Nós praticamos ritos para nos sintonizar com os ritmos naturais das forças vitais, marcados pelas fases da Lua e pelas mudanças e pelos ápices das estações.
2. Reconhecemos que nossa inteligência nos dá uma responsabilidade única com relação ao nosso meio ambiente. Procuramos viver em harmonia com a natureza, em equilíbrio ecológico, oferecendo condições à vida e à consciência segundo uma visão evolutiva.
3. Reconhecemos a existência de um poder muito maior do que aquele que se manifesta na pessoa comum. Por ser bem maior que o normal, ele é às vezes chamado de “sobrenatural”, mas o vemos como uma parte natural do potencial de todos.
4. Compreendemos que o Poder Criativo do Universo se manifesta por meio da polaridade – como masculino e feminino – e que esse mesmo Poder Criativo habita em todas as pessoas e age por meio da interação entre masculino e feminino. Não valorizamos um mais do que o outro, porque sabemos que se complementam. Valorizamos o sexo como prazer, como símbolo e corporificação da vida e uma das fontes de energia usada nas práticas mágicas e nos cultos religiosos.
5. Reconhecemos a existência tanto dos mundos exteriores quanto do interiores, ou psicológicos – às vezes conhecidos como Mundo Espiritual, Inconsciente Coletivo, Planos Interiores etc. –, e vemos na interação dessas duas dimensões a base dos fenômenos paranormais e das práticas de magia. Não negligenciamos nenhuma das dimensões, pois ambas são necessárias para a nossa realização.
6. Rejeitamos toda hierarquia autoritária, mas honramos aqueles que nos ensinam, respeitamos aqueles que compartilham seu conhecimento e sua sabedoria e admiramos aqueles que corajosamente deram de si para exercer funções de liderança.
7. Vemos a religião, a magia e a sabedoria de vida como uma unidade na forma pela qual uma pessoa vê o mundo e vive nele, uma visão do mundo e uma filosofia de vida que identificamos como Bruxaria – O Caminho Wiccano.
8. Dizer-se Bruxo não faz de ninguém um Bruxo – tampouco a hereditariedade ou uma coleção de títulos, graus ou iniciações. O Bruxo busca controlar as forças dentro de si mesmo que tornam a vida possível, de modo a viver com sabedoria e bem, sem prejudicar outras pessoas e em harmonia com a natureza.

9. Acreditamos na afirmação e na plenitude da vida, numa contínua evolução e num contínuo desenvolvimento da consciência, dando sentido ao Universo que conhecemos e ao nosso papel dentro dele.
10. Nossa animosidade com relação ao Cristianismo ou qualquer outra religião ou filosofia de vida só existe na medida em que essas instituições se proclamam “o único caminho”, negando liberdade a outras entidades e reprimindo outras formas de crença e prática religiosa.
11. Como Bruxos Americanos, nós não nos sentimos ameaçados por debates sobre a história da Arte, sobre as origens de vários termos, sobre a legitimidade de vários aspectos de diferentes tradições. Nós nos preocupamos com nosso presente e com o nosso futuro.
12. Não aceitamos o conceito de mal absoluto, nem adoramos a entidade conhecida como “Satanás” ou “Demônio”, como definido pela tradição cristã. Não buscamos o poder por meio do sofrimento de outros, nem aceitamos o conceito segundo o qual benefícios pessoais só podem ser obtidos pela negação do outro.
13. Acreditamos que devemos buscar na natureza o que pode contribuir para a nossa saúde e o nosso bem-estar.

O Poder Interior

Existem muitas pessoas que parecem, muito obviamente, ter algum tipo de “poder psíquico” (por falta de um termo melhor). Estou falando daquele tipo de pessoa que sabe que o telefone vai tocar antes que ele de fato toque ou sabe quem está do outro lado da linha antes mesmo de atender. Pessoas como Uri Geller são capazes de demonstrar esse poder de forma mais ostensiva, dobrando chaves e colheres sem nenhum contato físico. Outros têm “visões” ou parecem ser capazes de fazer as coisas acontecerem. Essas pessoas muitas vezes têm uma afinidade peculiar com os animais.

Você pode não ser assim. Pode até sentir inveja de tais pessoas. No entanto, você não deveria sentir, pois o poder que essas pessoas têm – e trata-se de um poder muito real – é inerente a todos nós. É verdade que esse poder vem à tona naturalmente em algumas pessoas, mas isso não significa que não possa ser *trazido à tona*. A aura (sobre a qual discorreremos extensivamente numa lição posterior) é uma manifestação visível desse poder. Aqueles capazes de ver a aura – e você vai se tornar um deles – podem vê-la ao redor de *todas as pessoas*, o que demonstra que esse poder existe em todos nós. Os Bruxos sempre tiveram esse poder e o usaram. Ele parece ser inato na maioria deles, mas não em todos, de forma alguma. Por essa razão, os Bruxos têm seus próprios meios para fazê-lo emergir, os quais são especialmente eficazes.

Na revista *Everyday Science and Mechanics*, de setembro de 1932, foi publicado o seguinte relatório:

Tecidos Humanos Produzem Radiações Mortais

“De acordo com o professor Otto Rahn, da Universidade Cornell, raios emitidos do sangue humano, da ponta dos dedos, do nariz e dos olhos são capazes de exterminar o fermento e outros micro-organismos. O fermento, o mesmo usado na manufatura do pão, morreu em cinco minutos meramente pela radiação das pontas dos dedos de uma pessoa. Quando uma placa de quartzo, de 12 mm de espessura, foi interposta, foi preciso quinze minutos para que a mesma coisa acontecesse. Em testes com a ponta dos dedos, descobriu-se que a mão direita é mais forte do que a esquerda, mesmo em pessoas canhotas”.

O professor Rahn continuou seus experimentos e publicou os resultados na obra *Radiações Invisíveis dos Organismos* (Berlim, 1936). Numa palestra para a American Association for the Advancement of Science, ele explicou que os “raios” pareciam sair com mais ímpeto da ponta dos dedos, da palma das mãos, da sola dos pés, das axilas, dos órgãos sexuais e – apenas em mulheres – dos seios. O dr. Harold S. Burr, da Universidade de Yale, mencionou experimentos e conclusões similares em sua palestra no Terceiro Congresso Internacional do Câncer.

Os Bruxos sempre acreditaram nesse poder vindo do corpo e desenvolveram meios para aumentá-lo, coletá-lo e usá-lo para o que chamamos de *magia*. Os professores Rahn e Burr demonstraram o uso destrutivo dessa força, mas ela também pode ser usada de forma construtiva.

Eis uma experiência simples que você pode realizar com seus amigos. Peça que seu amigo fique nu da cintura para cima e sente-o de costas para você. Agora, estenda a mão, com a palma voltada para baixo e os dedos juntos, e aponte-a para uma região das costas dele. Mantenha os dedos a uma distância de cerca de 2 a 3 cm da pele. Vagarosamente, mova a mão para cima e para baixo ao longo da linha da coluna (veja a ilustração). Tente manter o braço estendido e concentre-se na ideia de irradiar sua energia, através do seu braço, até que ela saia por sua mão e seus dedos. Você provavelmente vai constatar uma forte reação do seu amigo, quando ele sentir sua energia. Talvez ele sinta formigamento, calor ou até mesmo uma brisa fresca. Esteja certo de que ele sentirá alguma coisa!

Radiação de energia de um corpo para outro

Feitiços e Encantamentos

Feitiços e encantamentos são a prática da Bruxaria mais usada pelo Bruxo Solitário. Feitiços são lançados por covens inteiros, certamente, mas existem alguns muito eficazes que podem ser lançados por um indivíduo apenas. O mais importante ingrediente para um feitiço é a emoção. Você precisa *querer* que alguma coisa aconteça. Precisa querer com todo o seu ser e, por meio desse desejo, você vai direcionar todo o seu poder para a magia. Essa é a razão pela qual é melhor fazer sua própria magia em vez de pedir a outra pessoa que a faça por você. Quando se lança um feitiço para outra pessoa, não há como colocar a mesma dose de impulso emocional de que ela própria é capaz.

Feitiços e encantamentos não estão necessariamente ligados ao aspecto religioso da Bruxaria. Um feitiço lançado dentro de um Círculo, logo depois de um ritual de esbá, muito provavelmente será eficaz. Porém, você pode lançar um Círculo simples e realizar seu feitiço em qualquer outra época e, mesmo assim, obter resultados.

Qual a real mecânica do lançamento de um feitiço, de se fazer magia? Vamos deixar isso para quando você estiver um pouco mais versado no aspecto religioso; afinal, a Bruxaria é uma religião.

Questões sobre a Lição Um

1. É muitas vezes benéfico examinar nossos sentimentos e atitudes com relação a uma filosofia ou um tópico no qual estamos interessados. Qual é a *sua* compreensão ou o *seu* sentimento com relação à Bruxaria? Examine suas impressões, seus preconceitos,

suas suposições etc. Como suas reações com respeito à Bruxaria mudaram ao longo da sua vida?

2. Existem muitas tradições de Bruxaria. (Informações sobre elas podem ser encontradas no Apêndice A.) Com base no que você já sabe, que tradição você acha que gostaria de praticar e por quê?
3. Os primeiros conceitos de magia primitiva se relacionavam à magia simpática. Como a magia simpática pode ajudar você hoje? De que formas você prevê que vai usá-la? Faça uma lista de algumas possibilidades.
4. Faça uma gravação, citando os princípios da Bruxaria aos quais você pretende aderir. Use o mesmo método para gravar seus rituais favoritos. Falar em voz alta ajuda a consolidar suas crenças e torná-las mais claras para você.

Questões Avaliatórias sobre a Lição Um

Responda às perguntas com as suas próprias palavras, sem se referir ao texto lido. Não passe para a lição seguinte até que esteja totalmente satisfeito com a anterior. As respostas a essas perguntas encontram-se no Apêndice B.

1. Quais são as duas divindades mais importantes para a existência do ser humano primitivo?
2. O que é magia “simpática”? Dê um exemplo.
3. Onde o Papa Gregório construiu as primeiras igrejas e por quê?
4. Quem era “Jack of the Green”?

10. Você precisa pertencer a um coven para lançar um feitiço?

Leitura Recomendada

Capítulos de 1 a 6 de *Witchcraft From the Inside*, de Raymond Buckland.

Leituras Complementares

The God of the Witches, da dra. Margaret A. Murray.

Witches: Investigating an Ancient Religion, de T. C. Lethbridge.

The Devil in Massachussetts, de Marion Starkey.

LIÇÃO DOIS

As Crenças

As Divindades

POR MAIS DIFERENTES QUE sejam as muitas religiões do mundo, na essência todas são iguais. Frequentemente se diz que existem muitos caminhos, mas que todos levam ao mesmo lugar, e isso é verdade. Os ensinamentos básicos são todos iguais; o que difere é o método pelo qual se ensina. Existem diferentes rituais, diferentes festivais e até diferentes *nomes* para os deuses... Perceba que eu disse “diferentes nomes para os deuses”, em vez de simplesmente “diferentes deuses”.

Friedrich Max Muller diz que a origem da religião é um “indelével sentimento de dependência” em relação a um poder superior que é inato na mente humana. E *sir* James George Frazer (em *O Ramo de Ouro*) define a religião como sendo uma “propiciação ou conciliação dos poderes superiores ao Homem, os quais se acredita que direcionem e controlem o curso da natureza e a vida humana”.

O poder superior – “a Divindade Suprema” – é uma força sem gênero, que está tão além de nossa compreensão que podemos apenas ter um vago entendimento do seu ser. Ainda assim sabemos que ela existe e, muitas vezes, desejamos nos comunicar com ela. Como indivíduos, desejamos agradecê-la pelo que temos e pedir pelo que precisamos. Como podemos fazer isso com um poder tão incompreensível?

No século VI AEC, o filósofo Xenófanes evidenciou o fato de que as divindades são determinadas por fatores étnicos. Ele sublinhou que os negros da Etiópia viam seus deuses com traços negroides, enquanto os deuses dos trácios eram brancos, com cabelos vermelhos e olhos cinzentos. Ele cinicamente comentou que, se os cavalos e bois pudessem esculpir, eles provavelmente representariam seus deuses na forma animal! Cerca de 750 anos depois, Máximo de Tiro disse exatamente a mesma coisa: que os homens reverenciam seus deuses em qualquer forma que lhes pareça inteligível.

Copyrighted image

Imagem da Deusa

Copyrighted image

Imagem do Deus

Na Lição Um, você aprendeu que, em seu desenvolvimento inicial, as pessoas passaram a adorar duas divindades principais: O Deus Cornífero da Caça e a Deusa da Fertilidade. Eles eram nossas representações – sob formas compreensíveis – do Poder Supremo que de fato rege a vida. Nas várias áreas do desenvolvimento humano, vemos que essas representações tornaram-se, para os antigos egípcios, Ísis e Osíris; para os hindus, Shiva e Parvati; para os cristãos, Jesus e Maria. Em quase todos os exemplos (existem exceções), a Divindade Suprema era equalizada com o masculino e o feminino... dividida em um Deus e uma Deusa. Isso parece ser o mais natural, uma vez que em qualquer lugar na natureza pode-se encontrar essa dualidade. Com o desenvolvimento da Arte, como a conhecemos, existiu também, como vimos, essa dualidade de um Deus e uma Deusa.

Os Nomes das Divindades

Conforme mencionado na Lição Um, os nomes das divindades variam dependendo do lugar. E não apenas isso. Com a Deusa, especialmente, a questão dos nomes pode se tornar muito complexa. Por exemplo, um homem jovem com problemas amorosos pode reverenciar a Deusa em seu aspecto de linda donzela. Uma mulher durante o parto pode se sentir mais confortável relacionando-se com a Deusa numa forma de mulher mais madura, “na meia-idade”. Assim como uma pessoa mais velha vai tender a pensar na Deusa como uma anciã. Logo, temos três aspectos separados e bem distintos da mesma Deusa, cada uma delas com um nome diferente, mas ainda assim a mesma divindade. Como se não bastasse, as divindades terão nomes conhecidos aos adoradores em geral, mas também outros, secretos (muitas vezes dois ou três), conhecidos apenas pelo sacerdócio. Essa era uma medida de proteção.

“PAN – deus grego da natureza e da fertilidade, nativo da Arcadia. Como tal, ele é o deus dos rebanhos de ovelhas e é geralmente representado como uma criatura muito sensual; um homem com os cabelos despenteados até os quadris, com orelhas pontudas, chifres e pés de bode. Ele perambula pelas montanhas e pelos vales, perseguindo ninfas ou liderando-as em suas danças. É um deus muito musical, inventor da siringa, ou “flauta de Pan”. Ele é considerado filho de Hermes.”

Putnan's Concise Mythological Dictionary

Joseph Kaster

Putnan, Nova York, 1963

Na Bruxaria de hoje existem muitas tradições que mantêm essa multiplicidade de nomes. Tradições com sistemas de graus, por exemplo, muitas vezes usam diferentes nomes para as divindades em seus graus superiores. A gardneriana é um exemplo disso.

Portanto, temos essa ideia de uma Divindade Suprema, um poder incompreensível e, na tentativa de nos relacionarmos com ela, nós a dividimos em duas entidades, uma masculina e outra feminina, atribuindo nomes a elas. Parece que, ao fazer isso, estamos limitando o que é, por definição, ilimitado. *Mas, contanto que você saiba e tenha sempre em mente que esse poder é ilimitado*, você vai perceber que esse é o caminho mais fácil a seguir. Afinal, é muito difícil rezar para uma “Coisa”, um Poder Supremo, sem conseguir representá-la como *alguém* em sua mente.

No Judaísmo, existe esse problema em certa medida (embora o Judaísmo seja uma fé teocêntrica). O Poder Supremo, nesse credo, tem um nome que não pode ser pronunciado nem escrito. *Yahweh* é a forma vocalizada mais usada, mas ela é derivada de quatro letras, YHWH (o “Tetragramaton Divino”), um nome sagrado demais para ser pronunciado.

No Cristianismo, designa-se um homem, Jesus, como “Filho de Deus”, o Cristo, conferindo assim uma forma “reconhecível” para a divindade, uma forma com a qual os seguidores pudessem se relacionar. Com Maria, a figura da Mãe, a dualidade está completa. Assim, ficou muito mais confortável rezar para Jesus, como uma extensão de Deus/Ser

Supremo, sabendo-se o tempo todo da existência do indefinível, incompreensível, além dele. Jesus e Maria são os intermediários.

Na Bruxaria, acontece a mesma coisa: aqueles que conhecemos como Deus e Deusa são nossos intermediários. Como já mencionado, cada tradição usa um nome diferente para designar “formas compreensíveis” do Ser Supremo, da Divindade Máxima. Eles são as divindades honradas e cultuadas nos rituais wiccanos.

O Deus e a Deusa da Bruxaria

Uma queixa geral dos Bruxos contra o Cristianismo é que se cultua uma divindade masculina, com a exclusão da feminina. De fato, essa é uma das principais razões pelas quais as pessoas (especialmente as mulheres) deixam o Cristianismo de lado e se voltam para a Antiga Religião. E ainda assim é paradoxal que muitas – senão a maioria – das tradições de Bruxaria sejam culpadas desse mesmo “crime”, mas pelo motivo contrário: por reverenciar a Deusa, excluindo o Deus quase totalmente.

A Bruxaria é uma religião da natureza, como qualquer Bruxo lhe dirá. Tudo o que existe na natureza é masculino e feminino, e *ambos* são necessários (eu ainda não encontrei ninguém que não tenha uma mãe e um pai). Segue-se daí que ambos, o Deus e a Deusa, são importantes e devem ser igualmente reverenciados. É preciso que haja *equilíbrio*. Mas, lamentavelmente, falta equilíbrio na maioria das tradições da Arte, assim como falta no Cristianismo.

Podemos nos surpreender ao descobrir quais são os nomes usados para as divindades em diferentes tradições. Uma tradição galesa muito forte usa o nome “Diana” para a Deusa e “Pan” para o Deus... Diana, é claro, era uma Deusa *romana*, e Pan era um deus *grego*! A ligação desses deuses com os galeses deve ser um dos mistérios!

Calendário astrológico medieval

Todos nós temos atributos masculinos e femininos. Até o homem mais viril e durão tem aspectos femininos, assim como a mais feminina das mulheres tem aspectos masculinos. Também é assim com as divindades. O Deus tem aspectos femininos assim como masculinos, e a Deusa tem aspectos masculinos assim como femininos. Vamos examinar isso com mais detalhes numa lição posterior.

Os nomes que você usa para designar suas divindades é uma questão de preferência pessoal. Na Bruxaria saxã, o nome *Woden* é conferido ao Deus; na gardneriana, usa-se o nome latino *Cernunnos*; na Escocesa, *Dev'la*. Cada tradição tem seu próprio nome. Mas nomes são apenas rótulos; são apenas formas de identificação. Você precisa se identificar com o Deus, por isso usa um nome com o qual se sinta confortável. Afinal, a religião é a coisa mais pessoal que existe, está lá no fundo de nós, e, para atingir seu propósito verdadeiro, precisa estar relacionada conosco da maneira mais pessoal possível. Isso é válido mesmo que você siga uma tradição estabelecida: encontre uma tradição que pareça correta para você (como eu disse na Lição Um), mas... não tenha medo de modificar o que for necessário para torná-la totalmente certa para você. Se o nome usado para identificar o Deus, na tradição que você escolheu, for *Cernunnos*, por exemplo, e você tiver dificuldade para se relacionar com esse nome, então escolha outro. Em outras palavras, respeite o nome *Cernunnos* nos cultos em grupo e em todos os assuntos pertinentes ao coven mas, em sua mente – e seus rituais pessoais – não hesite em substituí-lo por *Pan* ou *Mananna* ou *Lief* ou qualquer outro. Um nome, como eu já disse, é um rótulo. O Deus sabe que você está “falando” com ele; ele não vai se confundir! (Isso também se aplica à Deusa, é claro.)

Pode ser por isso que o nome *Cernunnos* está presente em tantas ramificações da Arte. Como já mencionei, ele é a palavra latina para “Cornífero”. Por isso o acréscimo de uma

identificação pessoal, com a qual você se sinta mais confortável, não causa nenhum conflito.



Figura 2.1 Roda do Ano no hemisfério Norte

Por tradição, a “metade escura” do ano (veja a Figura 2.1) está associada ao Deus. Mas isso não significa que ele esteja “morto” ou “inacessível” na “metade clara” do ano (e isso também pode ser dito com relação à Deusa). Durante a metade clara, ele está plenamente ativo em seu aspecto *feminino*; assim como a Deusa está ativa, na metade escura do ano, em seu aspecto *masculino*. Assim, *ambas* as divindades estão ativas durante o ano todo, mesmo que uma receba mais atenção do que a outra em certas épocas.

Existe um tema comum em mitos pelo mundo afora, o relacionado à morte e à ressurreição. O simbolismo é muitas vezes aprofundado, acrescentando-se uma descida ao submundo, com um posterior retorno. Nós encontramos esse mito na descida de Ishtar ao Mundo dos Mortos e na busca por Tannaz; na perda dos cachos dourados de Sif; na perda das maçãs douradas de Idunn; na morte e na ressurreição de Jesus; na morte e na ressurreição de Shiva e muitos mais. Basicamente, todos representam a chegada do outono e do inverno, seguida pelo retorno da primavera e do verão; a figura principal representando o espírito da vegetação. Eis o “Mito da Deusa” como encontrado na Wicca gardneriana (a) e na Wicca saxônica (b).

“D nunca tinha amado, mas ela tinha de resolver todos os Mistérios, até mesmo o Mistério da Morte; e por isso ela iniciou sua jornada às Terras Baixas.

Os Guardiões dos Portais a desafiaram: ‘Despe-te de tuas vestes, deixa de lado tuas joias, pois nada disso podes trazer contigo para as nossas terras’.

E assim ela se despojou das vestes e das joias e foi amarrada, como todos os que adentram nos reinos da Morte Todo-Poderosa. Tal era sua beleza que a própria Morte ajoelhou-se e beijou-lhe os pés, dizendo: ‘Abençoados sejam os pés que te trouxeram a este caminho. Fique comigo, deixe-me colocar minha mão fria em teu coração’.

Ela respondeu: ‘Eu não te amo. Por que causas o declínio e a morte de todas as coisas que eu amo e que me são caras?’.

‘Senhora’, respondeu Morte, ‘é a idade e o destino, contra os quais sou impotente. A idade faz com que todas as coisas minguem, mas, quando os homens morrem, quando chega sua hora, eu lhes dou descanso e paz, além de força para que possam retornar. Mas tu, tu és adorável. Não volte, fique comigo’.

Mas ela respondeu: ‘Eu não te amo’.

‘Então’, disse a Morte, ‘Se não recebes minha mão em teu coração, deves receber o chicote da Morte’.

‘Se é o destino, que seja’, disse ela, ajoelhando-se; e Morte a chicoteou, e ela gritou: ‘Eu sinto as dores do amor’.

E a Morte disse: ‘Abençoada Sejas’ e lhe deu o Beijo Quíntuplo, dizendo: ‘Que você conheça a alegria e o conhecimento’.

E a Morte ensinou a ela todos os mistérios. E elas se amaram e foram um só, e a Morte ensinou a ela todas as magias.

Pois existem três grandes eventos na vida do homem: o Amor, a Morte e a Ressurreição num novo corpo; e a Magia controla todos os três. Pois, para conhecer plenamente o amor, você deve voltar à mesma época e ao mesmo lugar que a pessoa amada, e deve se lembrar e amá-la novamente. Mas, para renascer, você tem de morrer e estar pronto para um novo corpo; para morrer, você tem de nascer; e, sem amor, você não pode nascer. E tudo isso é Magia.”

The Meaning of Witchcraft

Gerald. B. Gardner

Aquarian Press,

Londres, 1959

Copyrighted image

MERCURIUS 1484

Freya e Loki

“Todos os dias, Freya, a mais adorável das deusas, brincava e corria pelos campos. Um dia, ela se deitou para descansar.

Enquanto dormia, o hábil Loki, o Travesso, o Enganador dos Deuses, espiava o resplendor do Brosingamene, o colar mágico dela, feito de Galdra, seu companheiro constante. Silencioso como a noite, Loki foi até a Deusa e, com dedos de uma leveza adquirida ao longo das eras, removeu o colar de prata do nível do pescoço da Deusa.

Assim que sentiu sua ausência, Freya despertou. E, embora Loki se movesse com a velocidade dos ventos, ela viu quando ele passou velozmente e sumiu de vista, em direção a Drëun, embaixo da terra.

Freya ficou desesperada. As trevas desceram sobre ela para encobrir suas lágrimas. Grande era sua angústia. Toda a luz, toda a vida, todas as criaturas se uniram à sua dor.

A todos os cantos do mundo foram enviados exploradores, em busca de Loki, ainda que soubessem que não o encontrariam. Pois quem haveria de descer a Drëun e de lá retornar?

Exceto pelos próprios deuses e pelo enganador Loki.

Ainda que debilitada pelo sofrimento, Freya decidiu descer ela mesma em busca do Brosingamene. Nos portais da Terra dos Mortos, ela foi desafiada, reconhecida e passou.

A multidão de almas lá dentro gritou de alegria ao vê-la, mas ela não podia se demorar, pois buscava sua luz roubada.

O infame Loki não deixara pistas a seguir, mas, ainda assim, ele fora visto em todos os lugares por que passara. Aqueles com quem Freya falava diziam que Loki não carregava consigo nenhuma joia.

Onde, então, ele a escondera?

Em desespero, ela procurou durante uma era.

Quando Hearbden, o poderoso ferreiro dos deuses, acordou do seu descanso ao sentir o lamento das almas pela dor de Freya e deixou sua forja para descobrir a causa de tamanha tristeza, ele viu o Colar de Prata onde Loki, o Enganador, o deixara: sobre uma rocha, diante de sua porta.

Então tudo ficou claro. No momento em que Hearbden pegou o Brosingamene, Loki apareceu diante dele, o rosto enfurecido.

Ainda assim, Loki não atacou Hearbden, o poderoso ferreiro cuja força era conhecida até mesmo além de Drëun.

Usando truques e engodos, ele disputou o colar de prata. Mudava de forma e corria de um lugar para o outro; ficava ora visível, ora invisível. E ainda assim não conseguiu vencer o ferreiro.

Cansado da luta, Hearbden levantou sua poderosa clava e afugentou Loki.

Grande foi a alegria de Freya quando Hearbden colocou o Brosingamene novamente em seu pescoço branco.

Grandes foram os gritos de alegria vindos de Drëun e acima.

Grande foi a gratidão de Freya, e de todos os homens, aos deuses, pela volta do Brosingamene.”

*The Tree: The Complete Book
of Saxon Witchcraft
Raymond Buckland
Samuel Weiser, Nova York, 1974*

Com referência ao assunto dos nomes das divindades, deixe-me explicar os nomes escolhidos pela Seax-Wica. De tempos em tempos, eu ouço comentários de pessoas que nunca se dão ao trabalho de olhar além do próprio nariz, dizendo que Woden e Freya não eram o “par” original de divindades saxônicas. É claro que não eram, e ninguém – eu muito menos – disse que eram. Eis aqui como a origem da tradição foi explicada, pela primeira vez, em 1973: “Parece que a maioria das pessoas que se interessa pela Wicca também se interessa por uma tradição (será que isso explica a disputa pelo título de ‘tradição mais antiga’?). Por essa razão, dei à minha tradição uma base histórica sobre a qual se apoiar. Especificamente, uma base saxônica. Ao dar essa ênfase, não estou afirmando que sua liturgia tenha uma origem saxônica direta! (...) Mas era preciso, por exemplo, dar nomes às divindades... o deus e a deusa principais dos saxões eram Woden e Frig. Infelizmente, na língua inglesa, ‘frig’ tem certas conotações vulgares, hoje em dia, que poderiam gerar uma interpretação equivocada! Eu adotei, então, a variação nórdica, Freya. Por isso, Woden e Freya são os rótulos usados para o Deus e a Deusa cultuados na Seax-Wica”.

A Seax-Wica não afirma ser uma reconstrução da Arte Saxônica original – tal tarefa seria impossível. Ela é meramente uma tradição funcional, construída dentro de arcabouço saxônico, e os nomes das divindades foram escolhidos a dedo e pelas razões apresentadas. Qualquer comentário sobre o fato de serem “incorretos” é equivocado.

A Reencarnação

A crença na reencarnação é antiga. Ela faz parte de muitas religiões (Hinduísmo e Budismo, por exemplo) e era, inclusive, um dos dogmas originais do Cristianismo, até ser condenado pelo Segundo Concílio de Constantinopla, em 553. Acredita-se que o espírito humano, ou alma, seja um fragmento do divino e que um dia retornará à sua fonte divina. Mas, para sua própria evolução, é necessário que a alma experimente todas as coisas da vida.

Essa crença parece a mais sensível e mais lógica explicação para tudo o que acontece na vida. Por que uma pessoa nasce numa família rica e outra, na pobreza? Por que uma pessoa nasce com deficiência e outra, forte e perfeita?... Será que não é porque devemos todos experimentar todas as coisas? A reencarnação parece a explicação mais lógica para as crianças prodígios. Um gênio da música, que compõe concertos aos 5 anos de idade (como Mozart), obviamente carrega consigo conhecimentos adquiridos numa vida passada. Isso não acontece com frequência, mas pode acontecer. Do mesmo modo, a reencarnação também pode explicar a homossexualidade: uma pessoa que foi homem numa vida e mulher na seguinte (ou vice-versa) pode estar transferindo sentimentos e preferências de uma vida para a outra.

Para alguém que não acredita em reencarnação, é difícil aceitar a morte de uma criança. Qual é a razão de alguém viver apenas poucos anos? Para o reincarnacionista, é evidente que a criança aprendeu tudo o que deveria nesta vida e está avançando para a próxima. Uma metáfora muito boa para explicar isso é a escola. Você entra na escola no primeiro ano e aprende o básico. Quando assimilou tudo, passa de ano, tira férias e depois volta para aprender e experimentar coisas no ano seguinte. Quando termina, você se gradua (isto é, morre). Para voltar à escola numa classe mais avançada, você nasce num novo corpo. Ocasionalmente, você tem lembranças das vidas passadas, ou de partes delas, mas de modo geral não se lembra de nada. (É possível, é claro, que, por meio de técnicas como regressão sob hipnose, você possa voltar a vidas anteriores e trazer suas memórias à tona.) Talvez uma das experiências do Oculto mais comuns seja o *déjà-vu* – a sensação de que algo já aconteceu antes –, que é tantas vezes atribuído à reencarnação (embora de forma alguma a reencarnação seja a explicação para todas as formas de *déjà-vu*): a sensação de ter um breve vislumbre de algo que aconteceu em outra vida.

De que modo retornamos à Terra? Alguns acreditam (os hindus, por exemplo) que não voltamos necessariamente sempre na forma humana. Certas seitas hinduístas ensinam que a

alma pode renascer como uma planta ou um animal. Entretanto, tais crenças não costumam ser adotadas pela civilização ocidental. Alguns dizem que existe uma escala de evolução da forma de vida mais inferior até a mais elevada – com os seres humanos no topo. Mas quem pode dizer qual é a ordem? O cão é mais evoluído do que o gato ou o gato é mais evoluído do que o cão? A centopeia é mais ou menos evoluída que uma lacraia? Isso significa que, quando todas as almas finalmente tiverem atingido o nível máximo da escala e se “graduado”, não haverá plantas, animais ou insetos na vida após a morte? Isso parece bem improvável. Na Bruxaria, a crença é a de que *todas* as coisas têm alma. Na Bruxaria saxônica, por exemplo, acredita-se que um cão passará por muitas encarnações, mas sempre como um cão; um gato sempre como um gato; um ser humano sempre como um ser humano. Existe uma razão para todas as coisas estarem aqui... o que chamamos de “equilíbrio da natureza”. Parece que temos uma escolha, dentro da nossa espécie, de sermos machos ou fêmeas, para podermos experimentar e avaliar os diferentes aspectos dessa condição.

Um argumento muito usado por não reencarnacionistas é: “Se o que diz é verdade, como você explica o fato de que a população mundial está sempre crescendo?”. É claro que está! A mesma coisa está ocorrendo com a população de almas/espíritos. Não existe simplesmente um número X de almas, que começaram seu desenvolvimento juntas. Novas almas são criadas o tempo todo. Por isso temos as chamadas “almas infantis” – aquelas em sua primeira encarnação – e “almas antigas” – aquelas que já viveram um grande número de vidas. É possível que um dia, quando os deuses decidirem que um número suficiente de almas já foi criado, a população da Terra se estabilize e depois comece a passar por um declínio, à medida que as almas antigas forem se graduando.

Existe ainda uma outra questão que deve ser considerada: de onde vêm as almas e para onde elas vão, depois da graduação final? Uma possibilidade é a de que não vivemos apenas aqui na Terra, mas também em outros planetas e outros sistemas de realidade. Quem sabe?... Talvez passemos pelo ciclo aqui após termos passado por ele uma dezena de vezes ou mais em outros mundos. Existe obviamente muita coisa para se pensar, pouquíssimas provas (se é que existe alguma) e muito espaço para novos conceitos.

O Karma

Junto com a reencarnação, vem o conceito de karma. Acredita-se que o karma seja um sistema de punições e recompensas que ocorre ao longo de todas as vidas; se você fizer algo ruim numa vida, terá que pagar por isso na vida seguinte. Entretanto, parece que sempre se ouve falar em “dívidas kármicas” ou “expição do karma”, mas muito raramente se ouve falar em “recompensas kármicas”. A visão da Bruxaria parece fazer mais sentido.

Existe uma crença wiccana nas punições e recompensas que ocorrem *em cada vida*. Em outras palavras, em vez de ser recompensado e punido após a morte pelo que você fez na vida (o ponto de vista cristão), os Bruxos acreditam que você recebe suas punições e recompensas nesta vida, de acordo com a forma como vive. Faça o bem e você receberá o bem. Mas faça o mal e o mal vai retornar para você. Mais do que isso, a consequência vem triplicada. Faça o bem e o bem voltará para você triplicado; faça o mal e você o receberá de volta três vezes mais forte. Obviamente, isso não é nenhum incentivo para se fazer o mal a alguém. É claro que não se trata de um mal triplicado literal. Se você der um soco no olho de alguém, isso não significa que você receberá três socos. Não. Mas, em algum momento, no

futuro, pode ser que você quebre a perna “de repente”... algo que pode ser considerado três vezes pior do que ser esmurrado no olho.

Segundo a crença dos Bruxos, portanto, as experiências de uma vida não dependem das experiências da vida passada. Por exemplo, se você sofreu abuso sexual nesta vida, isso não significa, necessariamente, que tenha sido um agressor na outra. É *possível* que você tenha sido, sim. Mas também é possível que não tenha, mas será na próxima. Em outras palavras, é o caso de experimentar todas as coisas – ser o agressor e a vítima –, mas um não dependente necessariamente do outro. Muitas vidas podem se passar entre uma experiência e suas consequências.

Só porque você escolheu uma vida em particular e deve passar por certas experiências, isso não significa que você possa apenas se sentar e dizer “Tudo está predeterminado. Só me resta relaxar e apreciar o passeio”. O Deus e a Deusa vão garantir que você tenha as experiências certas, mas sua tarefa é progredir, dar o melhor de si para alcançar a perfeição. *Você cria sua própria realidade*. O que quer que queira, você pode conseguir. Mas sempre se lembre da Rede Wiccana: “Faça o que quiser, mas não prejudique ninguém”.

Sempre que possível, ajude os menos afortunados que você. Quando digo “ajudar”, eu não quero dizer “interferir”. A ajuda pode ser dada simplesmente oferecendo conselho; mostrando compaixão; até mesmo, algumas vezes, recusando-se a ajudar. Pois, nesse último caso, às vezes a maior ajuda é dar ao outro a oportunidade de se esforçar um pouco mais, de pensar por si mesmo.

O Período entre as Vidas

O tempo decorrido entre as vidas pode variar, dependendo de seu estudo das lições aprendidas, de quanto absorveu das lições anteriores e da preparação necessária para o próximo “ano”.

Enquanto está no período entre as vidas, você pode se incumbir da tarefa de ajudar algum outro espírito aqui no plano terreno. Assim como nos desenvolvemos e avançamos nesta vida, isso também ocorre entre as vidas. Você pode ter ouvido falar de seres como “anjos da guarda” e “guias espirituais” e se perguntado se eles realmente existem. De certo modo, eles existem. Isso significa que um espírito está sempre velando por outro menos desenvolvido, aqui neste plano. Como o tempo não existe no período entre as vidas (o tempo é um conceito criado aqui, pelo ser humano, apenas para servir de referência), a tarefa de cuidar de uma pessoa encarnada durante toda a existência terrena não vai atrasar o progresso do espírito protetor. Na verdade, vai acrescentar a experiência de “estudante-professor” ao currículo dele.

Os Bruxos sempre esperam que possam renascer na próxima vida com aqueles a quem amaram nesta. Experiências psíquicas provam que parece ser esse o caso. Muitas vezes, um casal permanece junto por muitas vidas, em diferentes relacionamentos (como amantes, marido e esposa, irmão e irmã, mãe e filha).

O Seu Templo

Embora muitos Bruxos se reúnam e pratiquem ao ar livre – talvez num campo ou na clareira de um bosque –, isso nem sempre é possível para todos. Muitos moram em cidades, sejam elas grandes ou pequenas, e não podem ter um contato direto com a terra. Isso não significa

que não possam realizar rituais ou praticar magia. Seu templo pode ser ao ar livre ou dentro de casa. Vamos dar uma olhada nas possibilidades.

A área de que você vai precisar para celebrar seus rituais e praticar magia pode ser uma casa inteira, um cômodo ou um pequeno espaço dentro de um cômodo. Qualquer que seja o tamanho ou o formato dele, esse é o seu templo, ou espaço sagrado. Um cômodo inteiro – talvez o porão ou o sótão de uma casa – é o ideal. Se tiver um cômodo assim, que possa ser convertido em templo e usado apenas para esse propósito, você tem sorte. Vamos examinar essa possibilidade primeiro e depois passar para o caso daqueles que só dispõem de um pequeno espaço no quarto.

Antes de mais nada, providencie uma bússola e identifique as direções da casa. Marque Norte, Leste, Sul e Oeste. Seu altar será colocado no centro do cômodo, e é preferível que, ao ficar de pé diante dele, você esteja voltado para o Leste. Você poderá deixar suas velas e representações das divindades nesse altar o tempo todo, mas trataremos desse assunto um pouco mais à frente. No chão, ao redor do altar, você deve desenhar um círculo (as dimensões exatas e a forma de construí-lo serão descritas na próxima lição).

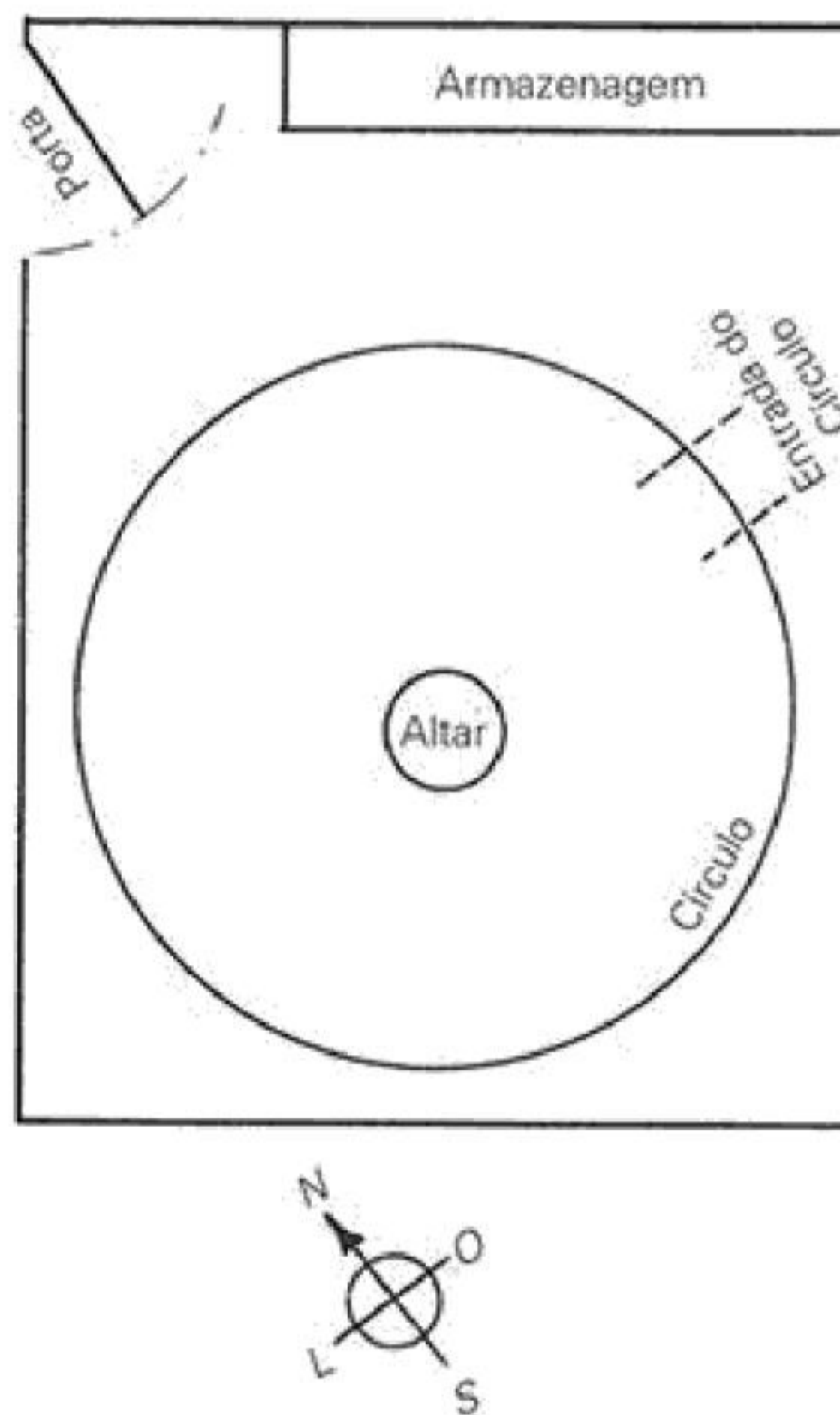


Figura 2.2

Quando entrar e deixar o Círculo, antes e depois de um ritual, você fará isso pela direção Leste; portanto, se a sua sala é mais retangular, você deve deixar um espaço maior desse lado do Círculo (veja a Figura 2.2). Armários para guardar seus suprimentos também devem ser colocados nessa área maior.

A não ser que você more sozinho ou com pessoas que tenham as suas mesmas crenças, você vai precisar de armários que possam ser trancados. Neles, você vai guardar velas,

incensos, carvão, vinho e, o mais importante, seus instrumentos e seu livro de trabalho. É claro, se você puder trancar o cômodo, então será possível deixar seu altar permanentemente montado e manter seus suprimentos em prateleiras abertas. Na verdade, essa é uma opção muito melhor.

A decoração do cômodo onde está o templo é uma questão de gosto pessoal. Ela pode variar; pode ter paredes pintadas com tons neutros ou com desenhos realísticos. Alguns preferem que esse cômodo pareça uma caverna pré-histórica – com reproduções das antigas pinturas rupestres – ou que tenha murais com a foto de uma floresta, com árvores, e estrelas no teto. Outros (normalmente aqueles que tem um cômodo no eixo Norte-Sul ou Leste-Oeste) preferem cores simbólicas para os Bruxos: a parede norte pintada de verde, a leste de amarelo, a sul de vermelho e a oeste de azul.

Obviamente, antes de incluir qualquer decoração ou usar o cômodo para fazer rituais ou praticar magia, ele deve ser totalmente purificado. O chão, as paredes e o teto devem ser limpos com uma mistura de água, sal marinho e um produto de limpeza. Não é necessário utilizar nesse ponto um ritual de limpeza elaborado, uma vez que o Círculo será consagrado antes de cada ritual realizado. Entretanto, quando a decoração do cômodo estiver terminada (faltando apenas o lançamento do círculo propriamente dito), você deve fazer uma purificação inicial, como indicado a seguir:

Espera uma noite de Lua nova. Encha um recipiente (um pires é suficiente) com água e ajoelhe-se, para colocá-lo no chão à sua frente. Coloque o indicador direito (esquerdo, se você for canhoto) na água. Imagine uma luz branca brilhante vinda de cima e entrando em seu corpo pelo topo da cabeça. Sinta-a se espalhar pelo seu corpo inteiro e então direcione-a para o seu braço. Concentre todas as suas energias para enviá-la para o seu braço, pelo dedo e para dentro da água. Se quiser, pode fechar os olhos. Quando sentir que direcionou todo o seu poder para a água, mantenha o dedo ali e diga:

“Aqui direciono meu poder,
Pela ação da Deusa e do Deus,
Magnetizando esta água, para que ela seja pura e imaculada
Como meu amor pelo Senhor e pela Senhora”.

Agora coloque uma colher de chá de sal marinho na água. Mecha nove vezes, no sentido horário, ou deosil, com os dedos, e diga três vezes:

“Sal é vida, a vida que aqui está,
Sagrada e nova e sem conflito permanecerá”.

Pegue o recipiente com a água salgada e esparja-a (usando os dedos) em cada canto do cômodo do templo. Se o formato do cômodo for irregular, com alcovas e armários, esparja cada canto de cada alcova e armário também. Enquanto faz isso, repita um dos encantamentos a seguir (ou crie outro, usando este como base):

“Em todos os meus caminhos
Sempre sinto a presença dos deuses.

Sei que, em tudo o que faço,
Eles estão comigo!
Em mim eles fazem sua morada
e eu faço minha morada dentro deles,
para sempre.
Nenhum mal pode me invadir,
pois a pureza mora em mim.
Pelo bem eu luto
E pelo bem eu vivo.
Amor por todas as coisas.
Que assim seja, para sempre”.

Salmo Seax-Wica

ou

“Suave é a chuva que se derrama
sobre campos abençoados.
Ela acalma o coração, apazigua a mente
E traz a solidão que tanto busco.
Ela cai tão doce, tão suave, que
nada perturba, sequer curva uma folha.
E, ainda assim, a água que vem
levará embora todo o sofrimento.
A doçura acompanha sua queda
e a quietude e o amor e a paz
estão a toda volta, em novo frescor.
É isso o que a chuva traz.
Que nenhuma negatividade invada
este cômodo outra vez.
Pois o amor agora o habita,
tão leve, tão calmo, tão puro;
e posso realizar meus rituais
enquanto a paz aqui perdura”.

Agora acenda um incenso. Podem ser varetas ou cones de incenso, mas, para rituais e trabalhos de magia, o melhor é queimar incenso em pó num turíbulo, sobre carvão (darei mais explicações a seguir). Vá novamente até a porta, desta vez balançando o incenso e defumando cada canto. Repita as palavras que você disse quando espargiu a água.

Mas e se você não tiver um cômodo inteiro para dedicar ao seu templo? Tudo bem. Você pode usar um canto de qualquer cômodo (sala de estar, quarto ou cozinha) e fazer dele seu templo. Mais uma vez, vamos descrever primeiro o que seria ideal.

Você vai precisar de uma área de um metro e meio quadrado. Se quiser, pode colocar cortinas ou um biombo, para que a área fique isolada do resto do cômodo, embora isso não

seja necessário. Pode pintar essa parte de uma cor diferente do resto do cômodo, se preferir. Se puder optar por uma área a leste, é melhor. Guarde seus instrumentos de trabalho e suprimentos num armário trancado, mas mantenha seu altar montado na área do templo. Se quiser, você pode deixá-lo encostado na parede enquanto não o está usando. Sobre o altar, sempre deixe uma vela de altar (geralmente branca, mas, ao longo do livro, você vai aprender como usar velas de outras cores) e suas representações das divindades, que podem ser estátuas ou imagens, como mostrado a seguir. Essa área do templo deve ser limpa, espargida com água e defumada com incenso, assim como feito com o cômodo inteiro.

Caso você more num apartamento muito pequeno ou divida seu quarto com alguém que não simpatize ou não seja compreensivo com relação à Arte, saiba que isso também não é problema. Você só precisará de um armário com chave onde possa guardar seus instrumentos de trabalho. Se puder ter um altar e deixá-lo montado com as velas e figuras das divindades, poderá colocá-lo em qualquer lugar do quarto. O Leste, porém, é preferível. E tente evitar que seu companheiro de quarto use seu altar como mesa, para apoiar coisas! Se não for possível manter um altar – feito, adaptado e montado especialmente para o uso ritual –, então você pode usar um criado-mudo ou algo parecido. Nesse caso, mantenha suas representações das divindades onde for mais conveniente... em mesa, prateleira ou cantoneira. Elas deverão ser respeitadas por seu companheiro de quarto, assim como você respeitaria o crucifixo ou a imagem da Virgem Maria, caso ele tivesse tal coisa ali. Quando você puder realizar seus rituais (presumivelmente sozinho), tudo o que precisará fazer é liberar espaço suficiente no chão e montar seu Círculo, altar etc. Depois, é só arrumar tudo de novo.

Existem muitos covens que se reúnem regularmente em apartamentos de um só cômodo. Basta mudar alguns móveis de lugar e o Círculo pode ser traçado e o ritual, realizado. Assim, não há nada que possa impedir que você tenha seu templo. Uma palavra final: como mencionei anteriormente, alguns Bruxos/covens fazem seus rituais ao ar livre. Na verdade, a maioria prefere assim, embora isso nem sempre seja possível devido (a) à falta de um local apropriado ou (b) ao clima rigoroso. Se você tiver acesso a uma pequena clareira num bosque ou a qualquer outro espaço onde possa ter privacidade, não hesite em usá-lo.

O Seu Altar e os Objetos de Altar

Você pode usar praticamente qualquer coisa como altar. Se estiver lançando o Círculo ao ar livre, então uma grande pedra ou um tronco de árvore é o ideal. Se estiver dentro de casa, então pode utilizar uma mesinha de centro, uma caixa de madeira ou até mesmo tábuas apoiadas em tijolos.

É melhor que o altar não contenha metal, por isso uma peça comprada pronta talvez não seja a melhor opção (a não ser que ela seja colada ou tenha cavilhas em vez de pregos ou parafusos). Se for necessário que haja metal na mesa, latão é o mais aceitável. Por quê? Por causa da condutividade. O punhal e a espada do Bruxo (e a varinha, se for o caso) são os únicos instrumentos usados para acumular e direcionar energia. Por isso podem ser de metal condutor – ferro ou aço. Todos os demais itens devem ser feitos de material não condutor – prata, ouro, latão, pedra, madeira –, uma vez que não serão utilizados com essa função.

Mas por que não acrescentar um pouco de beleza ao seu altar? Por que não fazer as coisas da maneira certa? Você está trabalhando num círculo, então por que não um altar circular? Para mim, um altar retangular num círculo sempre parece algo incongruente. Essa é uma das razões pelas quais um tronco de árvore é o ideal. Aliás, podemos fazer um belo altar colocando pés num toco de árvore. Mas os pés devem ser colados. Eu já vi um belo altar assim feito por um artesão, um homem da Arte em ambos os sentidos, que esculpe imagens da Deusa e do Deus nos pés do altar.

Os acessórios do altar consistem numa vela, ou várias; o incensário (também conhecido como “turíbulo”); dois recipientes, um para o sal e o outro para a água; prato para libação; e taças e imagens representando as divindades. É claro, essa lista pode ser alterada. Sinta-se livre para acrescentar ou subtrair objetos de acordo com suas necessidades. (Esses objetos também mudam de acordo com a tradição seguida; por exemplo, a Wicca gardneriana usa cordas e um chicote.)

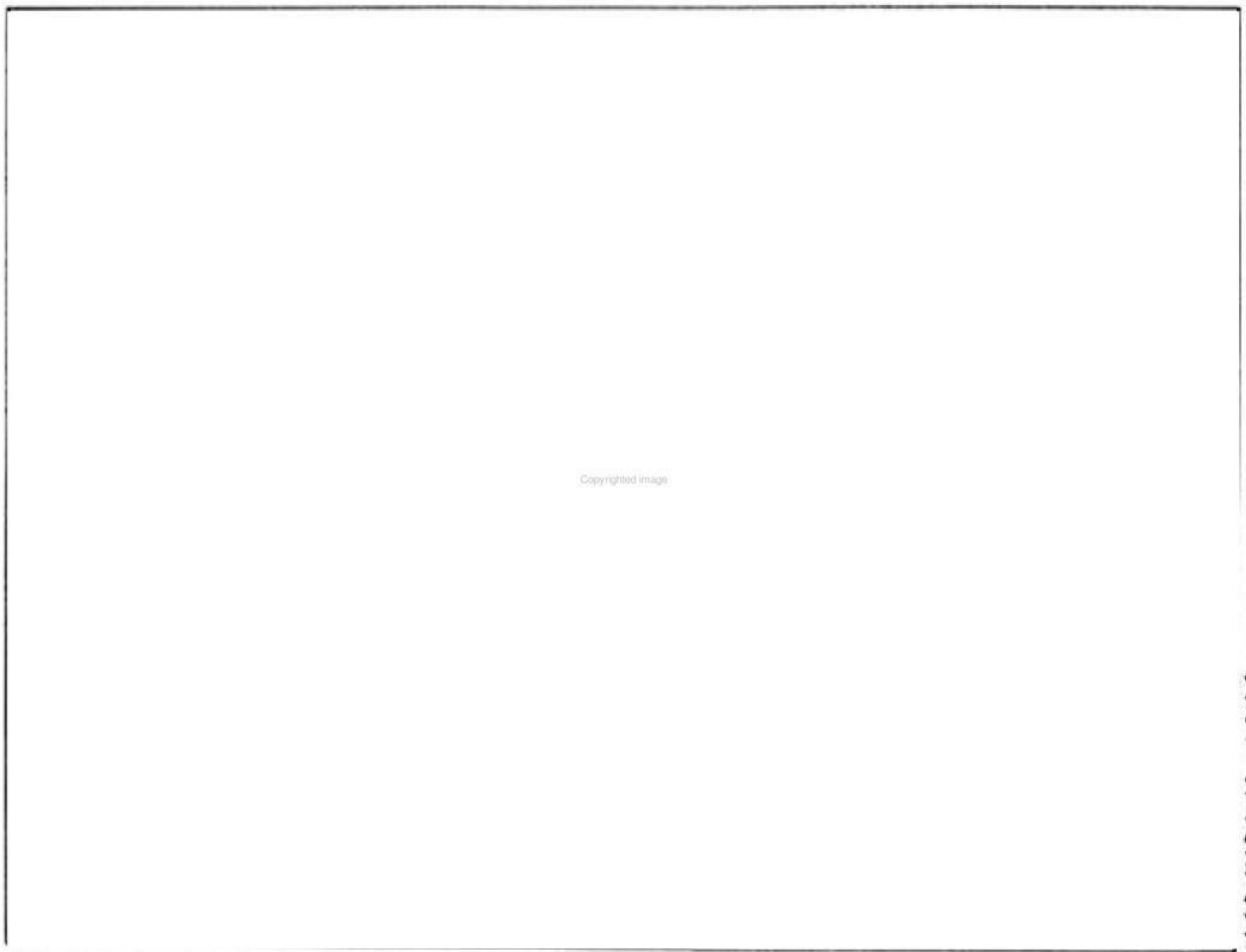


Diagrama de um altar

A maioria dos Bruxos “pratica” à noite (não é uma necessidade, é claro) e ilumina o Círculo com velas ao redor do altar e sobre ele. Uma vela sobre o altar também ajuda na iluminação, caso seja preciso ler algo no livro de rituais. A decisão de ter uma ou duas velas sobre o altar é sua.

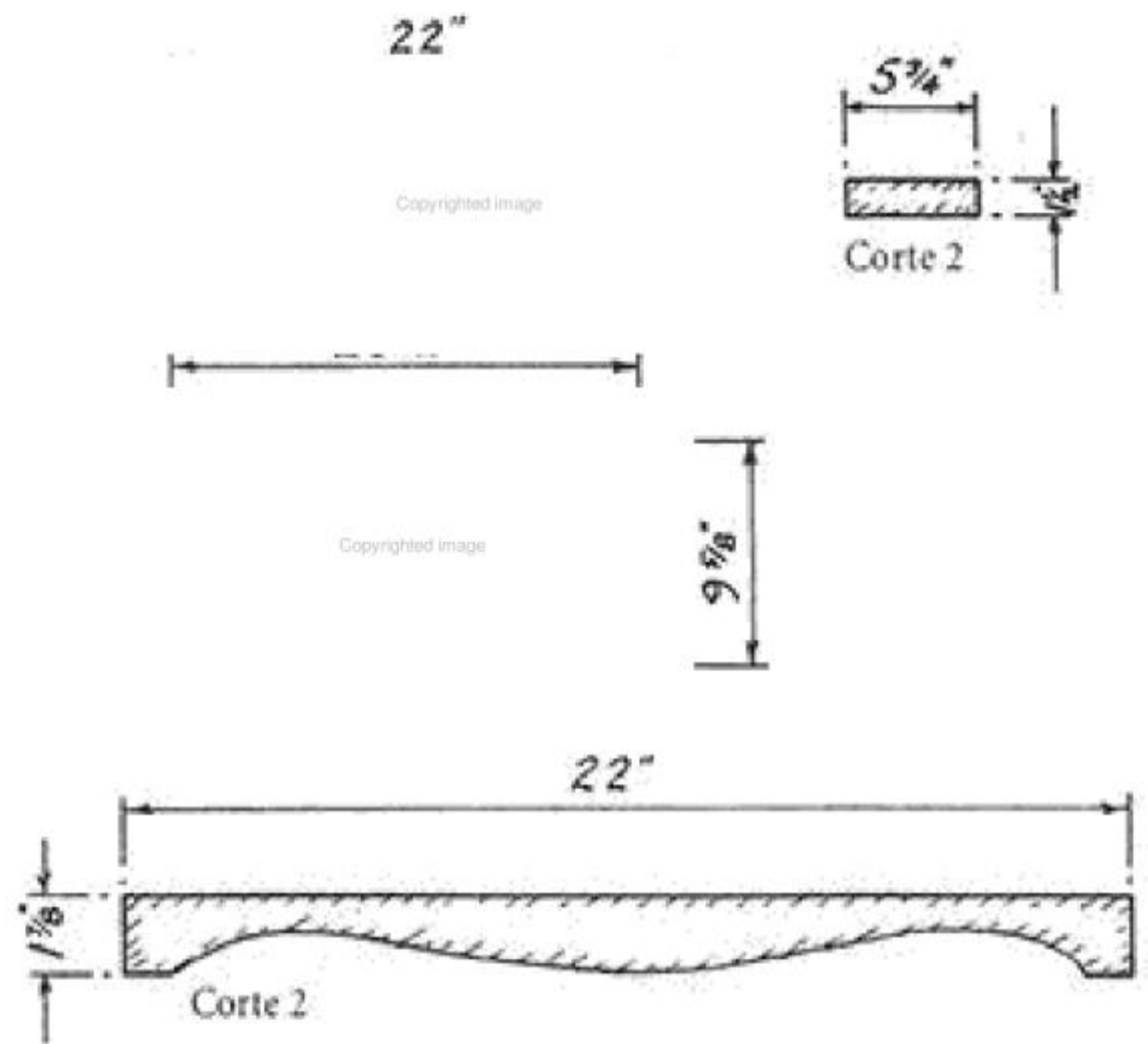
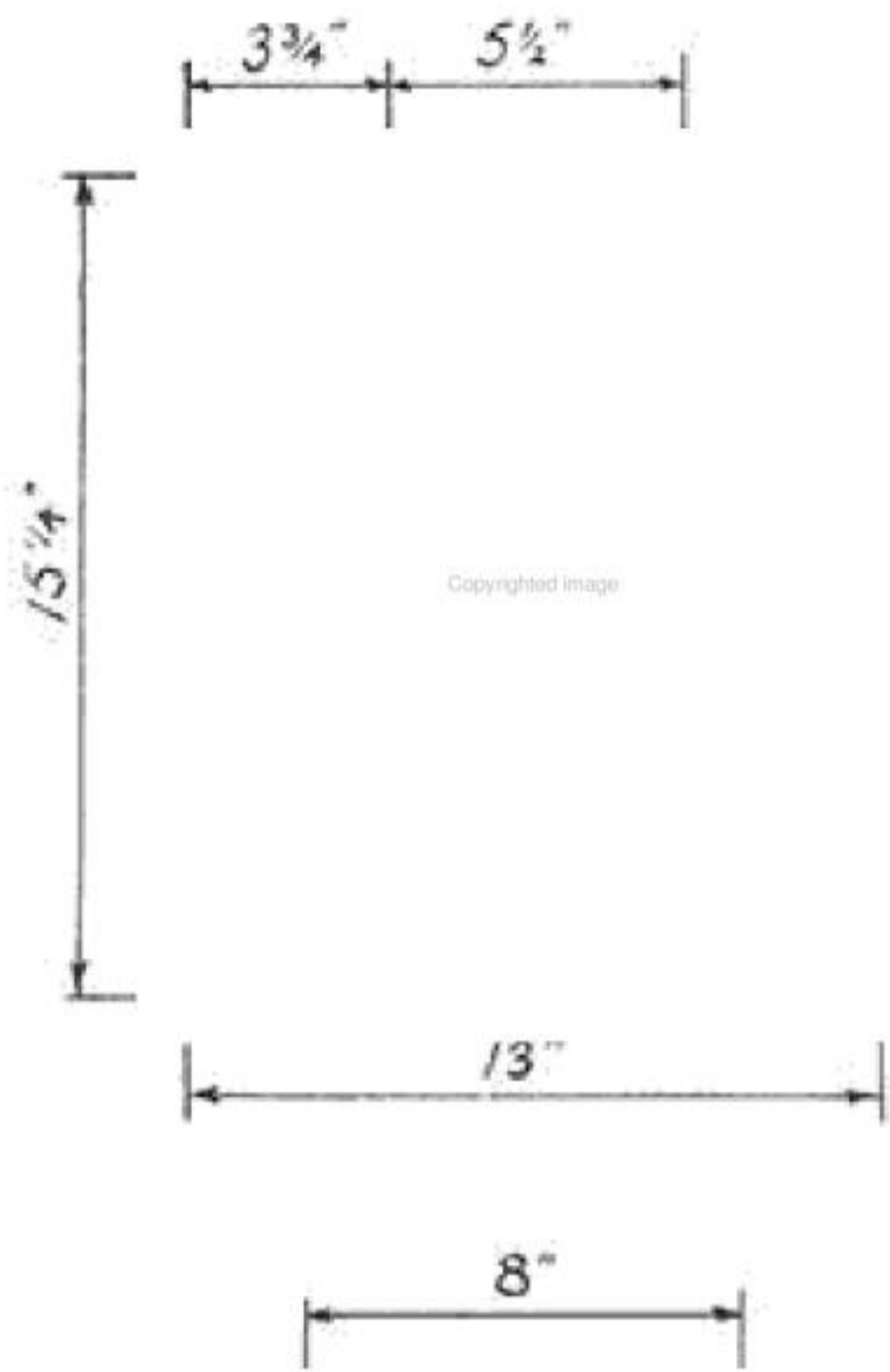
Copyrighted image

Exemplo de um altar

O incensário é uma necessidade. O incenso tem sido usado em rituais religiosos há milhares de anos. Segundo uma antiga crença, a fumaça dos incensos leva as preces até os deuses. Certamente, o incenso contribui muito para gerar uma atmosfera ritual. Como sempre é necessário mover o incensário ao redor do Círculo (para purificar ou “incensar” o Círculo durante o ritual), assim o ideal não é usar um simples prato para colocar o cone ou a vareta. É muito melhor ter um incensário com alças, que você pode comprar ou mesmo fazer. Um briquete especial de carvão é colocado no incensário e aceso, e depois o incenso em pó é adicionado aos punhados. Isso é muito mais econômico do que queimar cones ou varetas, pois um briquete de carvão queima por duas horas ou mais. Tanto o incenso em pó quanto o briquete de carvão podem ser adquiridos em qualquer loja de artigos religiosos. Nada contra cones ou varetas, é claro, se você preferir usá-los. Escolha um incenso cujo perfume você goste; nada muito doce ou enjoativo. Se você achar que deve ter um determinado incenso para um tipo específico de ritual, tudo bem, mas normalmente sinto que não faz nenhuma diferença qual aroma você usa. Eu pessoalmente gosto muito de sândalo ou olíbano, ou uma das misturas usadas na Igreja Cristã. Se você não tiver um recipiente adequado à mão, pode queimar incenso num prato ou numa vasilha comum. Se estiver usando briquetes de carvão e tiver medo de o prato ou a vasilha trincar, simplesmente encha-os com areia e ela absorverá o calor.

Copyrighted image

Copyrighted image



Como construir um altar

Copyrighted image

Incensário

Copyrighted image

Chifre

A maioria dos altares dos Bruxos tem recipientes para o sal e a água. A água salgada representa a vida (como descrito num ensaio interessante de Ernest Jones, intitulado *The Symbolic Significance of Salt*, o sal simboliza o sêmen). A água batismal, ou “água benta”, nada mais é do que sal e água. Você pode usar qualquer tipo de recipiente. Algumas pessoas usam até conchas do mar.

Durante os rituais, costuma-se beber vinho (ou suco de frutas, se a pessoa não puder ingerir bebidas alcoólicas). Para se brindar aos deuses, sempre se derrama a libação, ou oferenda, primeiro. Quando o ritual é realizado ao ar livre, pode-se simplesmente derramar a libação no chão. Mas, quando ele é feito dentro de casa, o melhor, e mais comum, é

derramá-la dentro de um recipiente próprio para a libação. Após a cerimônia, o recipiente pode ser levado para fora e o vinho, derramado no chão. Como no caso dos recipientes de sal e água, pode se usar qualquer tipo de recipiente para a libação.

As taças de vinho do Sacerdote e da Sacerdotisa permanecem no altar; as dos outros celebrantes são colocadas no chão, aos pés deles. A taça pode ser de qualquer material que lhe agrade. Pode ser simplesmente um copo ou um chifre decorado, usado para beber. Ele pode ser feito de chifres de boi (comprados em lojas de artesanato), com suportes fixos ou removíveis, feitos de prata, cobre ou madeira. Alguns Bruxos chamam suas taças de “cálices” mas, na minha opinião, “cálice” me parece um termo mais usado no Cristianismo, por isso tenho a tendência de evitá-lo.

Copyrighted image

Estatueta da Deusa

Copyrighted image

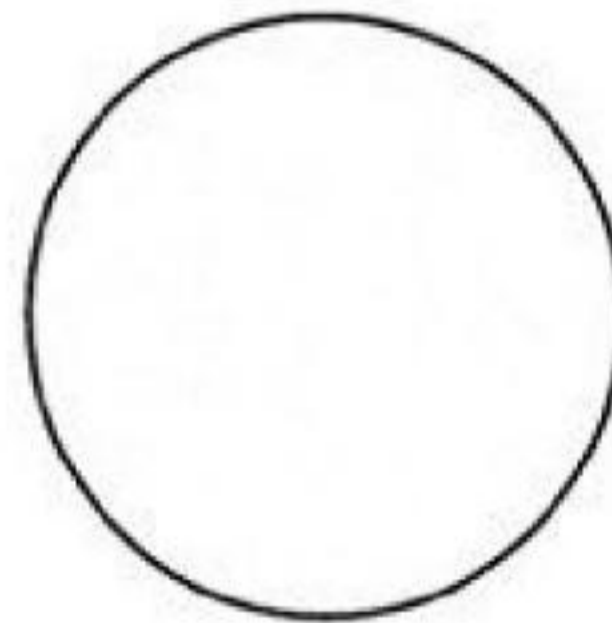
Copyrighted image

Imagem da Deusa

Alguns Bruxos não fazem questão de ter imagens das divindades em seus altares. A maioria, entretanto, faz. Você pode procurar estatuetas, embora boas réplicas sejam difíceis de encontrar (cópias de “O Nascimento de Vênus”, de Boticelli – obra conhecida pelo apelido irreverente de “Vênus sobre a concha pela metade”! –, são ideais para representar a Deusa). Muitos Bruxos procuram durante anos até encontrar uma estátua que retrate a exata imagem mental que eles têm da divindade. Antiquários e feiras de antiguidades parecem ser os melhores lugares para se procurar. Alguns wiccanos usam símbolos, tais como uma concha para a Deusa e uma galhada para o Deus. Eu tenho visto velas, peças de xadrez, pedras, plantas etc., usadas como representações. Uma possibilidade é usar quadros. Eu tenho visto representações belíssimas das divindades compostas de colagens de imagens coloridas em pedaços de madeira bonitos. Se você tiver talento para trabalhos manuais, não há razão para não esculpir ou confeccionar suas próprias representações.

Copyrighted image

Copyrighted image



Copyrighted image

Fases da Lua

Lua Nova, Quarto Crescente, Lua Cheia, Quarto Minguante

Magia – Uma Introdução

Na Lição Onze, trataremos da magia em mais detalhes. Lá você vai aprender todas as muitas e variadas formas de magia e suas práticas. Entretanto, eu gostaria de fazer aqui um apanhado rápido de alguns fatores essenciais da magia.

O primeiro deles é a *ocasião* em que a magia é realizada. Você talvez saiba que a Lua é muito associada à Bruxaria, mas pode não saber por quê. Uma das razões é que as fases da Lua são importantes para que o trabalho de magia seja mais eficaz. As duas fases principais são: o intervalo entre a Lua nova e a Lua cheia, conhecido como o quarto crescente, e o intervalo da Lua cheia até a Lua nova, que é o quarto minguante. Quando a Lua cresce em tamanho, ela é crescente; quando ela diminui de tamanho, é minguante.

A magia *construtiva* (para o crescimento) é realizada, basicamente, durante o quarto crescente, e a magia para a destruição é realizada durante o quarto minguante. A magia construtiva consiste em estimular coisas como o amor, o sucesso, a proteção, a saúde, a fertilidade. A magia destrutiva inclui feitiços de amarração, separação, eliminação, extermínio. Essas magias têm um elemento de magia simpática apenas com relação à época em que são realizadas. Por exemplo, à medida que a Lua cresce, crescem também as oportunidades (ou o que quer que seja) em favor das quais você está trabalhando. Ou, à medida que a Lua mingua, também mingua o mau hábito que você está tentando vencer, ou a verruga que você está tentando eliminar.

O segundo fator essencial da magia é o *sentimento*. Você precisa realmente querer que aconteça aquilo pelo que você está trabalhando. Precisa querer com todo o seu ser. Investir cada infinita partícula de poder nesse desejo, nessa vontade de ver algo acontecer. Por essa razão, é muito mais eficiente fazer magia para si mesmo do que a fazer por outra pessoa. É difícil que outra pessoa sinta com o mesmo ímpeto os nossos próprios desejos. Esse forte “sentimento” é, com efeito, o “poder” acumulado usado na magia. Como auxiliares, ou propulsores do seu poder, podem ser usados um grande número de amplificadores. Um desses é o *canto* e outro é a *rima*. O cantar ritmado de um feitiço, com uma batida seca, regular, pode ajudar a intensificar seus sentimentos e, dessa maneira, aumentar seu poder. Do mesmo modo, a dança pode aumentar o seu poder, assim como muitos outros artifícios, incluindo o sexo, que serão discutidos em detalhes na Lição Onze.

A *limpeza* é o terceiro fator essencial da magia. Quando praticar magia, é aconselhável estar com o corpo limpo. Interna e externamente. Tome um banho com uma colher cheia de sal marinho adicionada à água. (Esse sal pode ser comprado na maioria dos supermercados ou lojas de produtos naturais.) Também prepare o corpo interior removendo as toxinas. Faça isso jejuando durante 24 horas, antes de realizar o trabalho mágico. Abstenha-se do álcool, da nicotina e da atividade sexual.

Quando for praticar magia, tenha sempre em mente a Rede Wiccana. Seus atos vão prejudicar alguém? Se a resposta é “sim”... pare. Mais informações a respeito serão apresentadas posteriormente.

Questões sobre a Lição Dois

1. Esta lição é sobre as crenças. Examine suas crenças sobre a reencarnação. Você tem lembranças de vidas passadas?

2. Desenhe um altar. Indique o que será colocado sobre ele e mostre como os objetos estarão dispostos.

3. Faça o diagrama do templo que seria ideal para as suas necessidades. Indique a área que melhor refletiria suas afinidades (ao ar livre ou dentro de casa?). Que objetos você gostaria que ele contivesse? Faça um desenho realista de como seu templo será.

4. Relacione alguns trabalhos de magia apropriados para as suas necessidades que você faria durante o quarto crescente da Lua.

5. Dê exemplos de trabalhos de magia que você faria no quarto minguante da Lua.

Questões Avaliatórias sobre a Lição Dois

1. Estude os mitos da Deusa apresentados nesta lição e examine seu simbolismo. No mito saxão de Freya, o que o colar Broosingamene representa?
2. Quais são os três fatores essenciais da magia?
3. Os cristãos algum dia acreditaram em reencarnação?
4. De acordo com as crenças da Arte, se você faz mal a alguém nesta vida, você (a) só será castigado depois da morte? e (b) isso significa que alguém lhe fará o mesmo mal numa vida futura?
5. Imagine que você divida seu apartamento com alguém que não é wiccano. Você tem seu próprio quarto, mas compartilha a sala e a cozinha. É possível que você tenha seu próprio templo? Se a resposta é sim, qual seria o melhor lugar para ele?

6. A partir de que direção você entra num Círculo no qual pratica rituais?
7. Norte, Sul, Leste, Oeste... Azul, verde, vermelho, amarelo. Indique as cores tradicionalmente associadas a cada direção.
8. Quais dos objetos a seguir (em ordem de preferência) poderiam ser usados como altar? (a) Uma mesa dobrável de metal; (b) Um caixote de madeira; (c) Uma prancha de madeira apoiada em dois blocos de concreto; (d) Um toco de árvore.
9. Qual é a Rede Wiccana?
10. Você poderia usar um cinzeiro de vidro como incensário?

Leituras Recomendadas

Capítulos 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9 de *Lost Gods of England*, de Brian Branston.

Leituras Complementares

Witchcraft Today, de Gerald B. Gardner.

LIÇÃO TRÊS

Instrumentos, Vestuário e Nomes

Os Instrumentos de Trabalho

OS INSTRUMENTOS QUE VOCÊ usará nos rituais e na prática da magia dependem da tradição à qual você pertence. Na Wicca gardneriana, por exemplo, são usados oito instrumentos de trabalho: o athame (punhal), a aspada, a varinha, o chicote, as cordas, a faca de cabo branco e o pentáculo. Na tradição saxã, o número é menor: o *seax* (punhal), a espada e a lança. Se você estiver criando sua própria denominação, então pode decidir por si mesmo o que ter e o que não ter. Todos os instrumentos, depois de manufaturados, devem passar por um ritual de limpeza e purificação antes de serem usados, para que sejam eliminadas todas as vibrações negativas. Eles devem ser então consagrados e carregados pela pessoa que vai usá-los. Você encontrará na próxima lição mais detalhes sobre esses procedimentos. Por ora, saiba que, depois de manufaturar cada instrumento, deve embrulhá-lo limpo, num pedaço de linho branco, e guardá-lo num lugar seguro, até o dia da consagração.

O Punhal

Todo Bruxo tem seu próprio punhal. Em muitas tradições, esse punhal é chamado de athame. Na tradição escocesa, ele é o *yag-dirk* e, na tradição saxã, é o *seax*. O punhal normalmente tem uma lâmina de aço de dois gumes, embora haja uma exceção, na tradição dos Frost, na qual ele é feito de latão e tem um único gume. Vale a pena citar um trecho de *Anglo-Saxon Magic* (Gordon Press, Nova York, 1974), do dr. G. Storms, que é uma tradução comentada de vários manuscritos anglo-saxões antigos:

“O ferro evidentemente extrai seu poder do fato de que era um material melhor e mais escasso do que a madeira ou a pedra para a manufatura de ferramentas e, em segundo lugar, do modo misterioso pelo qual foi encontrado: em meteoros. Era preciso ser especialista e muito habilidoso para obter o ferro do minério e endurecê-lo. Na verdade, são muitos os povos que consideram seus ferreiros como

possuidores de poderes mágicos... entre eles os Wayland aparecem como ferreiros por excelência. A figura de seu impressionante ferreiro (saxão), simbolizando inicialmente as maravilhas do trabalho com metais... tornou-se tema de lendas heroicas”.

Logo, o ferro ou o aço pareciam ser os melhores materiais para se usar.

O tamanho do punhal deve ser o mais conveniente para você; use aquele que lhe parecer mais confortável. Esse é o seu instrumento pessoal – um instrumento *mágico* – e, como tal, é algo muito especial. Não basta, portanto, você simplesmente ir a uma loja e comprar uma faca pronta. De longe, a melhor coisa é fazer a sua própria. É claro, nem todo mundo é capaz de fazer isso, mas, para aqueles que são, quero começar mostrando como fazer.

Se você não conseguir comprar uma lâmina de aço, pegue uma lima ou um cinzel e mãos à obra. Qualquer que seja o aço que você estiver usando, tenha a certeza de que ele será duro, portanto sua primeira tarefa será amaciá-lo. Aqueça o aço até que ele esteja vermelho-escuro. Se você não tiver nenhuma outra forma de fazer isso, deixe-o sobre um queimador do fogão ou num forno elétrico. Você pode ter que deixar o aparelho ligado por várias horas, mas o aço acabará aquecendo até ficar vermelho-escuro. Quando ele estiver dessa cor, desligue o fogo ou o forno e deixe o metal esfriar naturalmente. É tudo que precisa ser feito. Agora ele estará mais macio e mais fácil de trabalhar.

Marque no metal, com um lápis, a forma que você quer dar a ele (veja a Figura 3.1). Com uma serra elétrica (se tiver uma) ou uma serra comum, corte o metal no formato certo e lime as arestas. Em seguida, comece a amolar a lâmina para deixá-la afiada. Um esmeril é útil nesse caso, embora você possa usar lixas grossas e finas. A lâmina deverá ter dois gumes, pois ela terá uma ponta em formato de diamante (veja a Figura 3.2). Termine de amolar a lâmina com duas graduações de lixa, a lixa de água e a normal.

Agora sua lâmina precisa ser endurecida e temperada. Aqueça-a novamente, desta vez até que fique vermelho-vivo. Então, pegue-a com um par de alicates e mergulhe-a em água tépida (não fria, ou a lâmina vai se partir) ou óleo. Deixe que ela esfrie e depois a limpe com um papel úmido e em seguida com outro seco.



Copyrighted image

Figura 3.1

Copyrighted image

Figura 3.2

Agora, para temperá-la, reaqueça a lâmina até que ela fique vermelho-vivo. Novamente a mergulhe, com a ponta para baixo, na água tépida ou no óleo, movendo-a para cima e para baixo no líquido. Seque-a com papel úmido e com um seco, depois aqueça outra vez. Observe a lâmina atentamente enquanto ela muda de cor. Ela adquirirá uma tonalidade palha, clara e brilhante, e depois escurecerá um pouco, adquirindo um tom palha médio. Mergulhe imediatamente a lâmina na água e deixe-a esfriar (não deixe que ela passe da cor de palha para o azul e depois violeta e verde). Observe a ponta, pois ela muda de cor primeiro. Ao primeiro sinal de que a ponta está ficando azul, mergulhe a lâmina na água. Cuidado, as cores mudam rapidamente. Mantenha a ponta o mais longe possível do calor.

Depois que a lâmina estiver fria, leve-a para algum lugar ao ar livre e crave-a na terra umas duas vezes. Agora você:

moveu a lâmina pelo	<i>ar,</i>
aqueceu a lâmina com o	<i>fogo,</i>
mergulhou-a na	<i>água</i>
e cravou-a na	<i>terra.</i>

Para fazer o cabo, providencie dois pedaços de madeira. Faça a lápis o contorno do espigão (a parte da lâmina que forma o punho) em cada um dos pedaços de madeira (veja as Figuras 3.3 e 3.4). Depois, escave a madeira nas seções marcadas, cada uma com *metade* da espessura do espigão, deixando a madeira áspera no local onde ele será colocado. Quando terminar, os dois pedaços de madeira deverão se ajustar perfeitamente ao espigão inserido entre eles. Quando você estiver satisfeito com o encaixe entre eles, espalhe resina epóxi no local em que ficará o espigão. Coloque o espigão no lugar, pressione as duas metades do cabo e prenda-as juntas, com uma abraçadeira de náilon. Quando estiver fazendo isso, pressione as duas madeiras para que a cola se espalhe. Deixe o cabo preso por pelo menos três dias.

Quando remover a abraçadeira, faça um desenho do formato do cabo que você deseja na madeira e comece a esculpir.

Copyrighted Image

Figura 3.3

Figura 3.4

Algumas tradições pedem que certos símbolos sejam esculpidos no cabo. Mesmo que esse não seja o caso da sua tradição, você pode acrescentar alguns adornos ao seu athame. Eu recomendo que você pelo menos coloque seu nome da Arte (algo que descreverei posteriormente) ou o seu monograma. Você pode também gravar algo na lâmina. Não é muito difícil fazer isso.

Como Marcar o Metal

Derreta um pouco de cera de abelha e cubra a lâmina com ela. Depois, com uma ferramenta afiada para esculpir (uma unha afiada também serve), recorte a cera no formato que você quer. Assegure-se de retirar toda a cera até expor o metal da lâmina. Em seguida, despeje ácido sulfúrico, iodo ou outro tipo de agente corrosivo. Deixe-o agir por alguns minutos e depois segure a lâmina sob água corrente. O ácido vai corroer o metal onde você fez a inscrição, “gravando-o”, mas a cera protegerá o resto da lâmina. Após eliminar o ácido, limpe a cera e você terá seu punhal gravado. Uma boa ideia é praticar primeiro num pedaço de metal *do mesmo tipo que a sua lâmina*, para calcular o tempo exato que você deverá deixar o ácido agir antes de lavar a lâmina.

Copyrighted image

Athame

Copyrighted image

Athame gravado

Você também pode comprar uma “caneta de gravação”. Ela se parece com uma caneta esferográfica, mas contém ácido para gravar. Ela vai funcionar no aço, no latão, no alumínio e no cobre e possui cartuchos recarregáveis. Há muitas marcas diferentes no mercado, e elas podem ser compradas em qualquer loja de ferragens ou de artesanato.

Uma alternativa é entalhar a lâmina do athame. Nesse caso, em vez da caneta, basta usar uma ferramenta de gravação, que você pode comprar numa loja de artesanato, ou simplesmente usar um prego afiado com uma lima. Um problema que muitas pessoas enfrentam ao fazer gravações é o risco de deixar o instrumento escorregar e marcar o metal no lugar errado (é necessário segurar firme o instrumento para fazer a gravação, e isso pode não ser tão fácil). Uma forma de evitar esse problema é colar sobre o local que será gravado uma fita adesiva transparente e fazer a inscrição com uma caneta antes de fazer a gravação. Depois, basta seguir as marcas feitas a caneta, com a ferramenta de gravação (a fita não será obstáculo e vai impedir que o instrumento deslize).

Você também pode usar um pirógrafo para gravar inscrições no seu athame.

Se, por qualquer razão, você não pode confeccionar o seu próprio punhal, como descrito, não se preocupe. Você pode adaptar uma faca que já tem. O importante é que seu athame tenha algo de *você*. Para isso, providencie um punhal com uma lâmina de dois gumes, como uma faca de caça (se a lâmina tiver um só gume, lime-a ou lixe-a para amolar o outro lado), e remova o cabo. Os cabos costumam ser encaixados de diversas maneiras. Alguns são parafusados, outros só têm um parafuso na ponta, e existem aqueles que são rebitados. Seja qual for o seu caso, remova o cabo. Agora, substitua-o por um feito por você mesmo. Para fazer isso, você pode seguir as instruções que eu dei anteriormente ou pode esculpir ou gravar o próprio cabo que você removeu da faca (veja a Figura 3.5).

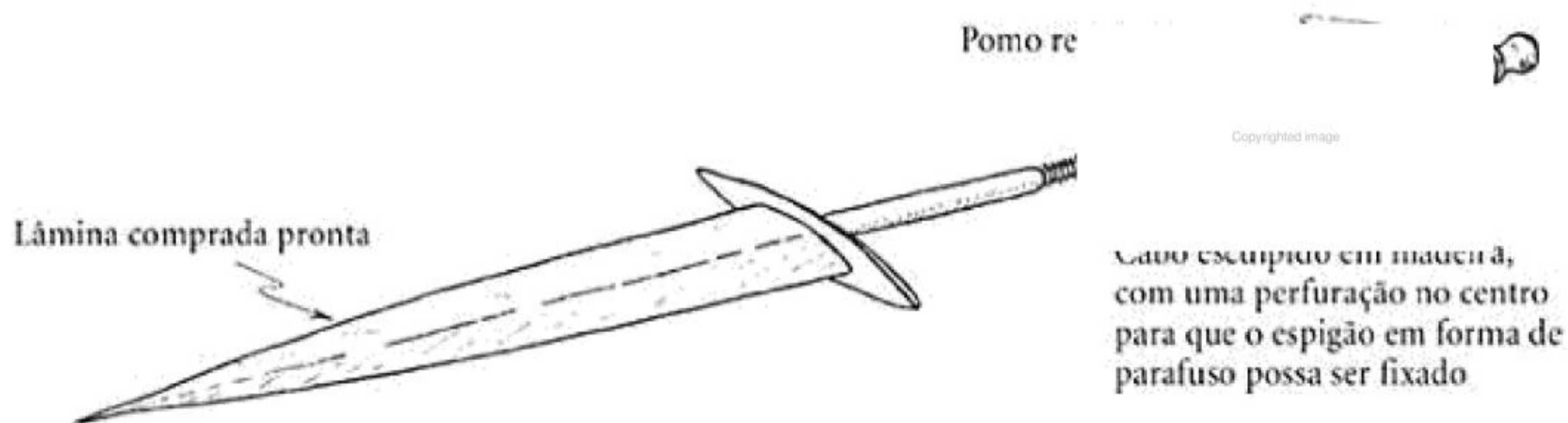


Figura 3.5

Como eu já mencionei, se quiser, você pode esculpir no cabo ou gravar na lâmina o seu nome da Arte (escrito num dos alfabetos mágicos descritos posteriormente) ou o seu monograma mágico. Existem athames muito bonitos feitos de modo artesanal ou adaptados. Eu já vi, por exemplo, uma baioneta curta do século XVIII adaptada para se tornar um magnífico athame. Também já vi cabos feitos de casco de cervo.

Em algumas tradições da Arte (por exemplo, a gardneriana), o punhal deve ser usado apenas dentro do Círculo, em rituais. Em outras tradições (por exemplo, a escocesa), incentiva-se o Bruxo a usar esse instrumento com a maior frequência possível, pois acredita-se que, quanto mais ele for usado, mais *mana* (ou poder) vai adquirir.

A Espada

A espada não é essencial, pois o punhal sempre pode substituí-la. Mas, embora cada Bruxo tenha seu athame, muitos covens gostam de ter uma espada de coven, usada pelo grupo inteiro. A espada normalmente é utilizada no início do encontro, para que o Sacerdote, a Sacerdotisa ou outra pessoa trace o Círculo. Ela pode ser confeccionada da mesma maneira que o punhal ou comprada pronta. Existem muitos lugares que vendem réplicas de espadas antigas, hoje em dia. Se você decidir comprar uma pronta, grave algo nela você mesmo. Na verdade, como é um instrumento do coven, seria bom se todo o coven se reunisse para confeccionar a espada, gravá-la ou ornamentá-la.

Copyrighted litrags

Espada

Outros Instrumentos

Existem outros instrumentos rituais, como a varinha, o cajado, o sino, o buril ou a faca de cabo branco e os cordões.

Num recente debate sobre Bruxaria, surgiram as seguintes questões: “Que provas existem de que os Bruxos sempre trabalharam nus? Esse é um costume tradicional ou uma inovação mais recente?”.

Certamente existem muitas ilustrações antigas de Bruxas nuas untando-se de óleo, preparando-se para o sabá, mas também existem ilustrações de Bruxas participando de sabá vestidas. Por curiosidade, fiz uma pesquisa para ver

quantas, se alguma, ilustração antiga mostrava as Bruxas realmente nuas no sabá. Os resultados foram inconclusivos.

Hans Baldung Grun, um alemão do século XVI, fez várias ilustrações de Bruxas (*Bruxas Trabalhando* e *o Sabá das Bruxas* são duas típicas), todas retratadas nuas. As *Quatro Feiticeiras*, de Albrecht Durer, mostra Bruxas nuas. A Coleção Douce, da Biblioteca Bodleiana, da Universidade de Oxford, contém uma ilustração de *O Sabá das Bruxas no Brocken*, com a maioria das participantes nua. Praticamente todas as pinturas de Bruxas de Goya mostram-nas nuas (*Duas Bruxas Voando em uma Vassoura* é um exemplo típico), e especialmente interessante é a edição de 1613 (Paris) do *Tableau de l'Inconstance des Mauvais Anges*, de Pierre de Lancre, que, numa parte, mostra uma grande reunião de Bruxas dançando nuas, num Círculo, e, em outra parte, uma mãe nua apresentando o filho, igualmente nu, ao Deus Cornífero.

Parece, portanto, que não há uma regra. Como se vê hoje, alguns covens se despem apenas quando estão praticando magia, mas, em outras situações, usam túnicas. Outros covens trabalham nus em todos os seus rituais.

Witchcraft Ancient and Modern

Raymond Buckland

HC Publications, Nova York, 1970

No século XV, o chapéu cônico, alto, conhecido como “chapéu de burro” era muito popular entre as mulheres; às vezes com uma aba, mas mais frequentemente sem ela. Por volta do início do século XVI, eles não estavam mais tão em voga nas cortes ou nas grandes cidades. A moda, e na verdade os próprios chapéus, acabou chegando nas aldeias e fazendas. Parte da “limpeza” feita pela nova religião foi mostrar que a Antiga Religião estava ultrapassada. As Bruxas eram representadas, nessa época, usando um chapéu *démodé*, como se estivessem “atrás do seu tempo”, fora de moda.

Witchcraft from the Inside

Raymond Buckland

Llewellyn, Mn., 1971

Quais desses instrumentos você vai usar – nenhum, alguns ou todos –, isso depende do caminho que decidir trilhar. Se seguir uma das tradições estabelecidas, então isso já terá sido decidido por você. Se está começando do zero, então pode levar algum tempo (semanas, meses, talvez até anos) para descobrir de quais realmente precisa.

Varinha

Se você quiser uma varinha, existem muitas opções. Alguns dizem que ela deve ser de sorveira-brava, outros dizem que deve ser de freixo ou salgueiro ou aveleira... você é quem escolhe. O problema aqui é que grande parte da Magia Cerimonial se mesclou com a Bruxaria (não apenas no caso da varinha, mas de outros instrumentos e aspectos da Arte também). Por exemplo, algumas pessoas juram que “a varinha deve ter exatamente 21 polegadas de comprimento (53 cm), ser feita da madeira de uma aveleira virgem (que nunca tenha dado frutos), na hora de Mercúrio, no dia de Mercúrio (quarta-feira), etc. etc. etc.”. Outros simplesmente compram uma peça cilíndrica de madeira numa loja de ferragens e pintam de dourado! O fato de ambas as varinhas funcionarem perfeitamente bem deveria demonstrar que a verdadeira magia não vem do instrumento e sim de dentro do mago – ou, neste caso, da Bruxa ou do Bruxo. A varinha, portanto, é meramente uma extensão do seu portador. Assim sendo, faça sua varinha da maneira que lhe parecer mais correta. Se você sentir que deve fazer inscrições místicas ou símbolos nela, faça isso. Não se preocupe com o que os outros dirão. Como afirmei na Introdução, não existe um único jeito certo de se fazer as coisas. Se funciona para você, então está certo. Como sugestão (e apenas isso), eu diria que 21 polegadas é certamente um comprimento conveniente para uma varinha. Uma outra sugestão é que ela tenha o mesmo comprimento da distância entre seu cotovelo e a ponta dos seus dedos. Qualquer que seja a madeira usada, afunile-a suavemente da base até a ponta. Você pode fazer inscrições na varinha, se desejar, esculpindo ou gravando a madeira. Pinte-a, tinja-a ou deixe-a da cor natural. Tiras decorativas de prata ou cobre podem deixar a varinha mais atraente. Algumas tradições (como a dos Frost, por exemplo) perfuram a varinha no sentido do comprimento e inserem ali uma vareta de metal.

Raymond Buckland usando trajes rituais e segurando uma varinha de cristal

O que eu disse sobre a varinha se aplica igualmente ao cajado, que pode, na verdade, ser uma varinha grande, como a usada em algumas tradições, entre elas a escocesa (Pecti-Wita). Eu já vi alguns cajados maravilhosos, decorados com couro, penas, pedras; gravados e esculpidos. Todos eram apropriados para quem os portava. Um bom tamanho para um cajado é a altura do seu portador. Uma madeira dura é preferível à macia, e use um galho bem seco e o mais reto possível.

O sino é usado só por alguns praticantes, mas eu o incluí nos rituais deste livro. Durante séculos, acreditou-se que ele possuía certas qualidades mágicas. No meu livro *Practical Color Magick* (Llewellyn Publications, 1983 e 2002), explico sobre as vibrações sonoras. O som alto e claro de um sininho pode gerar vibrações que, em vários sentidos, amplificam o poder gerado num ritual e criam harmonia entre os presentes. Escolha um sino pequeno que você possa carregar na mão e cujo som seja agradável. Alguns sinos – especialmente os produzidos com materiais baratos – podem ter um som estridente; evite-os. Se você quiser gravar inscrições nele, faça isso. Se ele tiver um cabo de madeira, você pode fazer as gravações nele.

O buril é simplesmente uma ferramenta de gravação usada para marcar o nome mágico ou sigilo (símbolo), ritualmente, em seus instrumentoss mágicos. Algumas tradições (por exemplo, a gardneriana) utilizam a mesma faca de cabo branco usada na Magia Cerimonial para esse fim. Eu, pessoalmente, não vejo necessidade de se considerar esse um instrumento ritual na Arte, não mais do que uma lima ou uma serra de metais. Entretanto, se você prefere vê-lo como um complemento, faça isso. O buril é apenas uma ferramenta de gravação com um cabo, que pode ser feito fixando-se um prego afiado grande, ou algo

similar, a um cabo de madeira, da mesma forma que você fixou a lâmina do athame no cabo usando dois pedaços de madeira.

Algumas tradições (por exemplo, a alexandrina) usam cordões de diferentes cores para representar o grau do seu portador. Mas o uso mais importante das cordas e dos cordões é no trabalho mágico. Deixarei os detalhes do uso das cordas para uma lição posterior, quando discorrer sobre a magia em geral e, especificamente, sobre a Magia com Cordas.

As Vestimentas

Muitos covens – e certamente a maioria dos Bruxos Solitários – trabalham nus... um ato conhecido na Arte como estar “vestido de céu”. Essa, com certeza, parece a prática preferida e recomendada. Mas haverá ocasiões em que, talvez devido à temperatura, você pode preferir usar uma túnica. Pode até ser que você prefira usar a túnica na maioria das vezes... não há problema.

As túnicas podem ser simples ou elaboradas, você é quem decide. A seguir, dou instruções para fazer uma simples. Se você tiver talento para a costura, fique à vontade para fazer algo mais elaborado.

Qualquer tipo de material serve, a escolha é sua – poliéster (se você ousar!), seda, algodão, lã... Considere, entretanto, o peso do tecido: ela será muito pesada e quente ou muito leve e fresca? Também considere quanto vai amarrotar. E ela será de um tecido elástico? Lavável? Antialérgico? Como os Bruxos não usam nada sob a túnica, isso é algo que você tem que levar em consideração!

Meça o seu corpo, de um pulso ao outro, com os braços abertos (Figura 3.6, medida A), depois da nuca até o chão (medida B). Você precisará comprar um tecido com a medida A de largura e duas vezes a medida B de comprimento. Dobre o tecido ao meio, como mostrado na Figura 3.6. Se ele tiver avesso, dobre-o com o lado acetinado para fora. Agora corte a peça em ambos os lados, conforme indicado na figura. O resultado será o que mostra a Figura 3.7; um formato parecido com um T.

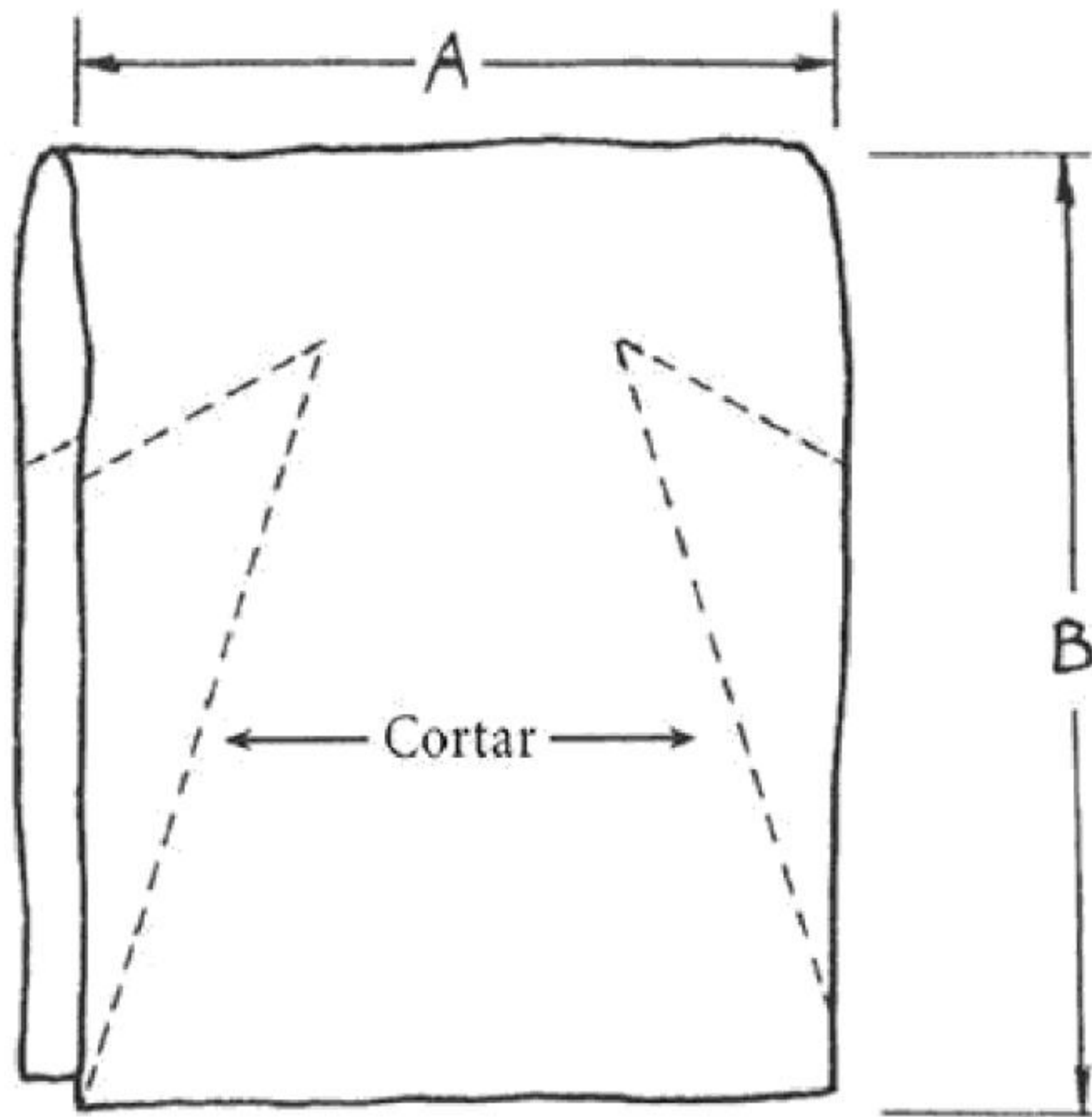


Figura 3.6

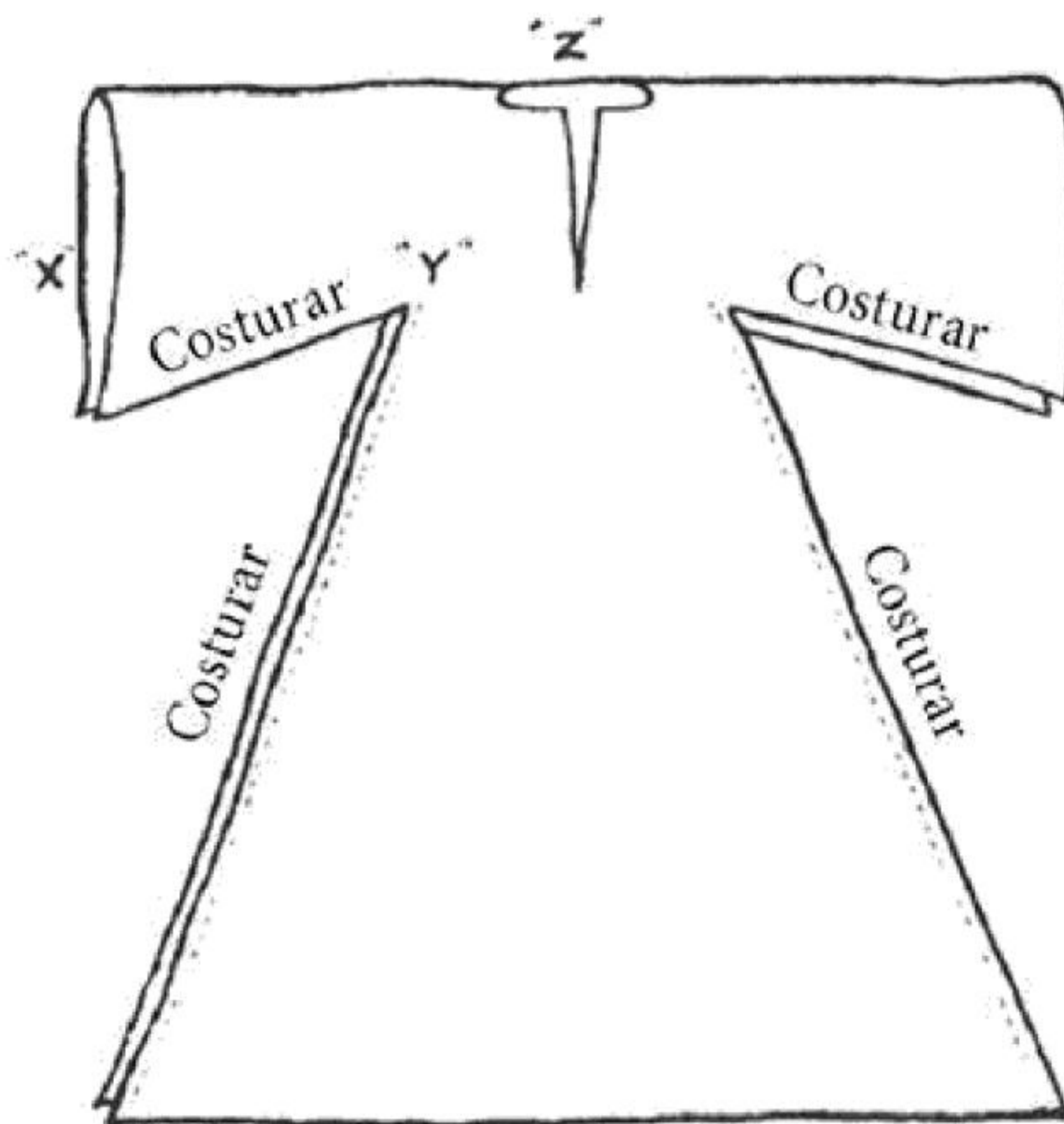


Figura 3.7

As dimensões exatas dos cortes vão depender de você. Deixe o suficiente para fazer uma manga larga no ponto “x” mostrado na ilustração, mas não afunile muito o corte para que ela não fique muito apertada na axila (ponto “y”). Eu recomendo que você faça um molde em papel primeiro (compre papel para molde em lojas de artesanato). No ponto “z”, corte uma abertura para a cabeça, como mostrado na figura. Costure na linha pontilhada: a parte de baixo das mangas e as laterais. Agora você só precisará virar o tecido para o lado certo, experimentar a túnica e fazer a bainha no comprimento conveniente (cerca de 3 cm acima do chão). Se você quiser acrescentar um capuz, pode fazer isso, pois ainda haverá muito material disponível. Um capuz pontudo ou arredondado é o mais apropriado.

Adicione um cordão ao redor da cintura para dar um toque final. Alguns praticantes usam um cordão mágico, mas, na minha opinião, o cordão mágico serve para se fazer magia, não para amarrar uma túnica (as coisas eram diferentes na época das perseguições, quando era necessário ocultar os instrumentos mágicos. Isso não é mais necessário hoje em dia).

Escolha com cuidado a cor da sua túnica. Antigamente, a maioria dos Bruxos usava túnicas brancas, mas eu fico feliz em ver um número cada vez maior de cores nos festivais. Na Bruxaria saxã, o Sacerdote e a Sacerdotisa usam branco, púrpura ou verde-escuro, enquanto os demais usam verde, marrom, amarelo ou azul, embora não haja uma regra. Combinações de cores podem ser atraentes, é claro, assim como uma cor básica com adornos dourados ou prateados, ou de uma outra cor. Alguns Bruxos usam preto, mas, embora o preto seja considerado uma cor muito “poderosa” (na verdade, não é uma cor, mas a ausência delas), eu, pessoalmente, acho que ele reforça o equívoco de que a Bruxaria é algum tipo de Satanismo e, apenas por essa razão, deve ser evitada. Nós somos uma religião da Natureza, então vamos usar as cores da Natureza... os tons claros e escuros da terra (existe, na verdade, muito pouco preto na natureza). Mas a decisão é sempre sua.

As Joias

Em algumas tradições, certas joias servem para mostrar a posição da pessoa que as usa. Por exemplo, na Bruxaria gardneriana, Bruxos de todos os graus usam colares (que representa o círculo do renascimento); a Grã-Sacerdotisa do Terceiro Grau usa um bracelete largo de prata, com certas inscrições específicas; o Grão-Sacerdote usa um bracelete em forma de torque de ouro ou latão (também com certas inscrições nele); e a Rainha usa uma coroa de prata em forma de Lua crescente e uma liga verde com uma fivela de prata. Em outras tradições, existem diferentes regras.

Joias usadas pelos Bruxos

Em geral, os Bruxos – especialmente as mulheres – usam um adorno na cabeça.

Colares e pingentes são muito populares, incluindo colares de sementes ou bolotas de carvalho, feijões, contas de madeira ou similares. Anéis, muitas vezes contendo inscrições ou representações das divindades, também são muito populares. Certamente existem joalheiros Bruxos que produzem peças incrivelmente bonitas e que merecem ser exibidas.

Mas algumas pessoas acham que não se deve usar joias dentro do Círculo, pois sentem que elas são um obstáculo à geração de poder (embora eu nunca tenha constatado isso, nem depois de 25 anos de prática). Respeito, porém, aqueles que são dessa opinião. Se eles realmente acreditam que as joias restringem o poder, elas de fato *vão* restringir. Assim sendo, decida por si mesmo se vai incentivar, limitar ou proibir o uso de joias ou se vai usá-las para representar posição.

O Capacete com Chifres

Embora a Sacerdotisa e o Sacerdote possam usar uma tira de cobre ou prata na cabeça, com uma Lua crescente, um sol ou algo semelhante na testa, o Sacerdote pode usar um capacete com chifres em certos rituais, quando ele estiver representando o Deus, e a Sacerdotisa pode usar uma coroa de deusa em certos rituais, quando ela estiver representando a Deusa. Não é muito difícil confeccionar essas peças. Na verdade, existem duas ou três formas possíveis de fazer o capacete com chifres (se procurar, você pode até conseguir comprar uma réplica de um capacete viking pela internet). Uma alternativa é encontrar uma vasilha de aço ou cobre de um tamanho que caiba na sua cabeça. Você pode ter que ajustar um pouco dos lados para deixá-la mais parecida com uma elipse do que com um círculo. Remova qualquer cabo ou alça que ela tenha. Depois arranje dois chifres de boi e insira e

cole dois pequenos círculos de madeira em suas aberturas (veja a Figura 3.8). Agora faça dois buracos na vasilha, um de cada lado, e atarraxe os parafusos de dentro para fora, fixando os pedaços de madeira colados aos chifres. Coloque um pouco de cola epóxi entre os chifres, os pedaços de madeira e a vasilha, para ajudar a manter todas as peças firmes no lugar. A parte dos chifres que está em contato com a vasilha pode ser revestida de couro, para que a junção não fique à mostra.

Copyrighted image

Copyrighted image

Copyrighted image



Figura 3.8